

Patricia  
Highsmith

○ O ÁLIBI  
PERFEITO  
E OUTRAS  
HISTÓRIAS



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



PATRICIA HIGHSMITH



**O Álibi  
perfeito  
e outras histórias**

PATRICIA HIGHSMITH

O ÁLIBI PERFEITO

Título: O Álibi Perfeito

Títulos originais:

The Perfect Alibi

You Can't Depend on Anybody

Variations on a Game

A Safety in Numbers

Sauce for the Goose

Autor: Patricia Highsmith

Tradução: O Álibi Perfeito, Manuel Seabra

Não se pode confiar em ninguém, Manuel de Seabra

Variações de um jogo, Manuel Seabra

Uma Segurança em Números, Nuno Batalha

Maquinações, Carla M.<sup>a</sup> Fernandes Soares Cardoso

Copyright 1993 by Diogenes Verlag AG, Zurich

All rights reserved Bibliotex, S.L. para esta edição Abril – CONTROLJORNAL,

por acordo com Bibliotex, S. L. para esta edição

Editora: Bárbara Palla e Carmo

Coordenação Editorial: Camilo Fernandez González

com a colaboração de Maria Eduarda Vassallo Pereira e Ignacio Vazquez Diéguez

Revisão: Luís Serrão

Produção gráfica: João Paulo Batlle y Font

Impressão e encadernação: Printer, Industria Gráfica, S. A.

Ctra. N-II, Km. 60020 Sant Vicenç dels Horts (Barcelona)

Impresso na Espanha

Data de impressão: Outubro de 2000

Todos os direitos reservados

ISBN: 972-611-690-2

Dep. Legal: B. 44 830-2000

Tiragem: 100 000 exemplares

Abril/Controljornal, uma empresa do grupo

Abril/Controljornal/Edipresse

Largo da Lagoa, 15C5-116 Linda-a-Velha — Portugal

De venda conjunta e inseparável da revista Visão

Patricia Highsmith

O Alibi Perfeito

ACJ Abril

Controljornal

Edipresse

BIBLIOTECA VISÃO

# Índice

O álibi perfeito  
Não se pode confiar em ninguém  
Variações de um jogo  
Uma segurança assente em números  
Maquinações

# O álibi perfeito



A multidão arrastava-se como um monstro cego e estúpido na direção da boca do metro. Os pés arrastavam-se para a frente uns centímetros, paravam, avançavam de novo. Howard detestava multidões. Enchiam-no de pânico. Conservava o dedo no gatilho e durante uns segundos concentrou-se em não o apertar, dominando um impulso quase incontrollável de o fazer.

Tinha descosido o fundo da algibeira do sobretudo e segurava agora a arma dentro desse bolso com a sua mão com luva. As costas largas, curtas, de George estavam menos de trinta centímetros à sua frente, mas havia duas pessoas entre eles. Howard girou os ombros e deslizou pelo espaço entre um homem e uma mulher, empurrando ligeiramente o homem.

Agora estava exatamente atrás de George. A parte de frente do seu sobretudo desabotoado roçava na parte de trás do casaco de George. Howard levantou a pistola dentro do bolso. Uma mulher chocou contra o seu braço direito, mas ele manteve o cano firme sobre os rins de George, continuando a olhar fixamente por cima do seu chapéu de feltro. Familiar e repugnante, uma fumaça do charuto de George chegou até as narinas de Howard. A boca do metro estava apenas a poucos metros. Dentro de cinco segundos, pensou Howard, e ao mesmo tempo a sua mão esquerda moveu-se para puxar o lado direito do sobretudo, fez um movimento incompleto e um milésimo de segundo depois a pistola disparou-se.

Uma mulher gritou.

Howard deixou cair a arma pelo bolso descosido.

A multidão tinha recuado ante a explosão da arma, arrastando Howard consigo. Algumas pessoas saltaram à sua frente, mas durante um breve instante, ele pôde ver na calçada o charuto fino, meio fumado, ainda preso nos dedos, que Howard viu firmes, depois cobertos pela sua boca relaxada.

— Deram um tiro nele! — gritou alguém.

— Quem?

— Onde?

A multidão avançou com um urro de curiosidade e Howard foi arrastado quase até onde George estava estendido.

— Para trás! Vão pisá-lo! — gritou uma voz masculina. Howard libertou-se da multidão e desceu os degraus do metrô. O ruído de vozes no passeio foi de repente substituído pelo estrondo da chegada de um comboio. Mecanicamente, pegou em algumas moedas e comprou um bilhete. Ninguém à sua volta parecia saber que um cadáver se encontrava no alto da escada. Não poderia usar outra saída e subir e ir buscar o carro? Tinha-o estacionado apressadamente na Rua 35, perto da Broadway. Não, podia tropeçar com alguém que o tivesse visto perto de George entre a multidão. Howard era muito alto. Reparavam nele facilmente. Iria buscar o carro um pouco mais tarde. Olhou para o relógio. Eram exatamente 5:54.

Atravessou a estação e entrou num comboio para a parte alta da cidade. Os seus ouvidos eram muito sensíveis ao ruído e normalmente o ruído de aço sobre aço do metro era uma tortura intolerável

para ele, mas, enquanto estava agarrado a uma correia, esqueceu-se do ruído e estava grato pela despreocupação dos passageiros que liam o jornal à sua volta. A sua mão direita, ainda no bolso do sobretudo, deslizou automaticamente pelo bolso rasgado. Tinha de cosê-lo à noite, recordou. Olhou para a parte de baixo do sobretudo e viu com surpresa, quase com dor, que a bala lhe fizera um buraco no sobretudo. Tirou rapidamente a mão direita e colocou-a sobre o buraco, sem nunca tirar os olhos do cartaz publicitário à sua frente.

Concentrou-se mentalmente, fazendo uma revisão de tudo, tentando descobrir se cometera algum erro. Deixara o armazém um pouco mais cedo do que habitualmente — às 5h15 -para poder estar na Rua 35 às 5h30, o momento em que George saía sempre da sua loja. Mr. Luther, o patrão de Howard, dissera: “Hoje sais mais cedo, hein, Howard?” — Mas isso tinha acontecido algumas vezes antes e Mr. Luther não pensaria nada do caso. E tinha limpo a arma por dentro e por fora, tinha limpo até as balas. Comprara a arma umas cinco semanas antes em Bennington, Vermont, e não tivera de dar o seu nome quando a comprara. Nunca estivera em Bennington antes nem depois. Pensou que seria realmente impossível que a polícia pudesse alguma vez encontrar uma pista da arma. E ninguém o vira disparar — disso tinha a certeza. Olhara à volta antes de entrar no metro e ninguém olhava para ele.

Howard pensara viajar algumas estações, depois voltar para o centro e ir buscar o carro; mas nesse momento pensou que tinha primeiro de se ver livre do sobretudo. Era perigoso demais tentar mandar cerzir um buraco daqueles. Não se parecia nada com uma queimadura de cigarro... tinha o aspeto de ser exatamente aquilo que era. Teria de se apressar. Tinha o carro a três blocos de onde tinha disparado contra George. Seria interrogado esta noite, provavelmente, porque a polícia com certeza iria interrogar Mary e se ela não mencionasse o seu nome, as Sr.ias — dela e de George — fá-lo-iam. George tinha tão poucos amigos.

Pensou meter o sobretudo numa papeleira qualquer numa estação de metro. Mas havia gente de mais e alguém podia reparar. Num caixote de lixo na rua? Também poderiam reparar — no fim de contas, era um sobretudo bastante novo. Não, tinha de ir a casa e arranjar qualquer coisa para o embrulhar antes de o deitar fora.

Saiu na estação da Rua 72. Morava num pequeno apartamento térreo num edifício de pedra cinzento na Rua Oeste 71, perto da Avenida West End. Howard não viu ninguém quando entrou, o que era bom pois poderia dizer, se fosse interrogado sobre isso, que chegara em casa às 5h30 em vez de quase 6h. Logo que entrou no seu apartamento e acendeu a luz, Howard soube o que faria com o sobretudo: ia queimá-lo na lareira. Era o mais seguro.

Tirou alguns trocos e um maço de cigarros esmagado do bolso esquerdo do sobretudo, despiu-o e atirou-o para cima do sofá. Depois pegou no telefone e marcou o número de Mary.

Ela respondeu ao terceiro toque.

— Olá, Mary — disse ele. — Olá, querida. Alô.

Um segundo de hesitação.

— Alô? Realmente, Howard? Não está...

Não, não estava brincando. Não sabia o que dizer mais, que outra coisa se atreveria a dizer pelo telefone.

— Amo você. Cuide-se bem, querida — disse ele, distraído.

— Oh, Howard! — Começava a chorar.

— Mary, provavelmente a polícia vai falar com você. Talvez dentro de poucos minutos. —

Howard apertou o telefone, com vontade de a abraçar, de lhe beijar as faces que agora estariam úmidas de lágrimas. — Não fales de mim, querida... simplesmente não, seja o que for que eles te perguntem. Ainda tenho algumas coisas que fazer e estou com pressa. Se a tua Sr.ia se referir a mim, não te rales, hei-de arranjar as coisas... mas não o faças tu primeiro. Percebes? — Tinha consciência de que estava de

novo a falar-lhe como se ela fosse uma criança, e isso não era bom para ela, mas o momento não era propício para se pôr a pensar no que era e no que não era bom para ela. — Percebes, Mary?

— Sim — disse ela, baixo.

— Não estejas a chorar quando a polícia chegar, Mary. Vai lavar a cara. Tens de te acalmar... — Parou. — Vai ao cinema, meu amor. Ouves? Sai antes de a polícia aparecer!

— Está bem. -Prometes?

— Está bem.

Desligou o telefone e foi até a lareira. Amachucou algumas folhas de jornal, pôs algumas aparas por cima e acendeu um fósforo. Agora estava contente por ter comprado um fornecimento de madeira e aparas para Mary, contente porque Mary gostava de lareiras, porque ele vivera ali durante meses antes de a conhecer e nunca lhe passara pela cabeça acender uma lareira.

Mary vivia mesmo em frente de George, na rua Oeste 18. A polícia iria logicamente em primeiro lugar a casa de George e interrogaria a sua Sr.ia... porque George vivia sozinho e não havia ninguém mais para interrogar. A Sr.ia de George... Howard recordava as poucas vezes que a vira quando se debruçava à janela no Verão passado, magra, de cabelo grisalho, espiando com uma intensidade terrível tudo o que toda a gente fazia no prédio... sem dúvida ela contaria à polícia que havia uma moça do outro lado da rua com quem o Sr. Frizell passava muito tempo. Howard tinha a esperança de que a Sr.ia não falasse dele logo de entrada porque podia ter adivinhado que o jovem com o carro que vinha tantas vezes visitar Mary era o seu noivo, poderia ter suspeitado de um ciúme entre ele e George. Mas talvez não o mencionasse. E talvez Mary estivesse ausente quando a polícia chegasse.

Parou um momento, tenso, no ato de pôr mais madeira no fogo. Tentava imaginar exatamente o que é que Mary estava a sentir nesse momento, tendo acabado de saber que George Frizell estava morto. Tentava senti-lo ele próprio, para poder prever o seu comportamento, para poder consolá-la melhor. Consolá-la! Ele tinha-a libertado de um monstro! Ela devia estar jubilante. Mas sabia que nos primeiros momentos estaria desfeita. Conhecia George desde criança. George fora o melhor amigo do pai... mas George devia ter um comportamento muito diferente com outro homem, pensou Howard. E quando o pai morreu, George, um solteirão, passou a tratar Mary como se fosse seu pai. Mas com a diferença de que controlava todos os seus movimentos, convenceu-a de que não poderia fazer nada sem ele, convenceu-a de que não se devia casar com ninguém que ele desaprovasse. O que era toda a gente. Howard, por exemplo. Mary contara-lhe que tivera dois outros pretendentes que George tinha expulsado da sua vida.

Mas Howard não tinha sido expulso. Não acreditara nas mentiras de George de que Mary estava doente, de que Mary estava muito cansada para sair ou para ver qualquer pessoa. George chegara mesmo a telefonar-lhe várias vezes e tentara desfazer os seus encontros... mas ele fora buscá-la muitas tardes apesar do terror que ela tinha das zangas de George. Mary tinha vinte e três anos, mas George considerava-a uma criança. Mary precisava da companhia de George até para comprar um vestido novo. Howard nunca vira nada assim na sua vida. Era como um pesadelo, ou uma história fantástica que era demasiado incrível para acreditar. Howard chegara a pensar que George, de alguma maneira estranha, estava apaixonado por ela e interrogara Mary pouco depois de a ter conhecido, e ela dissera: “Oh, não! Se nem sequer me toca!” E era mesmo verdade que George nunca lhe tocava. Uma vez, quando se despediam, George chocara com o seu ombro e dera um salto como se tivesse levado um choque, exclamando: “Perdão!” Era muito estranho.

No entanto, era como se George tivesse de certa maneira aprisionado o cérebro de Mary... como uma prisioneira do seu próprio cérebro, como se ela não tivesse cérebro próprio. Howard não podia exprimir aquilo por palavras. Mary tinha uns olhos meigos, escuros, com um ar trágico, destemperadamente tristes e às vezes faziam-no ficar como louco só de olhar para eles, suficientemente louco para atacar a pessoa que lhe fizera aquilo. E essa pessoa era George Frizell. Howard nunca



poderia esquecer o olhar que George lhe deitara quando Mary os apresentara, um olhar superior, sorridente, conhecedor, que parecia dizer: “Podes tentar. Sei que tentas. Mas não chegarás muito longe.”

George Frizell era um homem baixo, muito moreno, com um maxilar forte e espessas sobrancelhas negras. Tinha uma pequena loja na Rua Oeste 36, especializada na reparação de cadeiras, mas a Howard parecia que o seu único interesse na vida era Mary. Na sua companhia, estava totalmente concentrado nela, como se estivesse a exercer uma espécie de poder hipnótico sobre ela, e Mary comportava-se como se estivesse hipnotizada. Com George não era ela própria. Estava sempre a olhar para ele, a espiá-lo para ver se ele aprovava qualquer coisa que ela estivesse a fazer, mesmo que fosse apenas pôr uns cavacos na lareira.

Mary amava e odiava George ao mesmo tempo. Howard pudera fazê-la odiar George... até certo ponto, mas de repente começava a defendê-lo de novo.

— Mas George foi tão bom para mim depois da morte do meu pai, quando eu estava sozinha, Howard — protestava Mary. E assim passara quase um ano, Howard tentando vencer estrategicamente George e encontrando-se com Mary algumas vezes por semana, Mary hesitando entre continuar a vê-lo e acabar com a relação porque sentia que ele estava a sofrer muito.

— Quero casar com você! — dissera Howard uma dúzia de vezes quando Mary entrava nos seus ataques de tortura interior de arrependimento. Nunca pudera fazê-la compreender que ele seria capaz que qualquer coisa por ela.

— Amo-te, Howard — dissera Mary muitas vezes, mas sempre com uma tristeza trágica que era como a tristeza de um prisioneiro que não conseguia encontrar maneira de escapar. Mas havia uma maneira de a libertar uma maneira violenta e final. Howard seguiria esse caminho...

Agora estava ajoelhado diante da lareira, tentando rasgar o sobretudo em bocados pequenos para queimar. Achou o tecido muito difícil de cortar, e as costuras quase igualmente difíceis de rasgar. Tentou queimá-lo sem o cortar, começando pela ponta de baixo, mas as chamas subiram pela penugem do tecido até as suas mãos, ao mesmo tempo que o próprio material parecia tão resistente ao fogo como o amianto. Tinha de o cortar em bocados pequenos, pensou. E o fogo teria de ser maior e mais quente.

Howard pôs mais madeira no lume. Era uma lareira muito pequena com uma grade de ferro saída e pouco espaço, de maneira que os cavacos tinham ficado saídos. Atacou de novo o sobretudo com a tesoura. Levou alguns minutos a separar uma manga. Abriu uma janela para que o cheiro de roupa queimada saísse do quarto.

Todo o casaco levou-lhe perto de uma hora porque não podia queimar muito tecido ao mesmo tempo sem apagar o fogo. Viu o último bocado começar a transformar-se em cinzas no centro, viu as chamas aumentarem e lamberem um círculo que aumentava. Pensava em Mary, vendo o seu rosto pálido, atemorizado quando a polícia chegasse, quando a informassem pela segunda vez da morte de George. Tentava imaginar o pior — que a polícia chegara pouco depois de ter falado com ela e que ela cometera algum erro, tinha revelado à polícia que já sabia da morte de George, mas não podia dizer quem a informara; imaginou que, na sua histeria, ela tinha balbuciado o seu nome, Howard Quinn, como o homem que podia tê-lo feito.

Howard umedeceu os lábios, de súbito aterrorizado pela ideia de que não podia confiar em Mary. Ela amava-o tinha a certeza disso — mas Mary não podia confiar em si própria.

Durante um breve, brusco, instante, Howard quis correr à Rua Oeste 18 para estar com ela quando a polícia chegasse. Viu-se a enfrentar desafiadoramente a polícia, com o braço à volta dos ombros de Mary, respondendo a todas as perguntas, desviando todas as suspeitas. Mas isso era uma loucura. O mero fato de estarem ali no seu apartamento juntos...

Ouviu bater à porta. Um momento antes, sentira que alguém chegara ao patamar, mas não pensara que poderia ser para ele. De repente começou a tremer:

— Quem é? — perguntou.

— Polícia. Procuramos Howard Quinn. Este é o apartamento 1A?

Howard olhou para o fogo. O sobretudo estava totalmente queimado, só restavam umas pequenas labaredas do último bocado. E eles não estariam interessados no sobretudo, pensou. Só tinham vindo interrogá-lo, tal como tinham interrogado Mary. Abriu a porta e disse:

— Howard Quinn sou eu.

Eram dois policiais, um muito mais alto do que o outro. Entraram.

Howard viu que os dois olharam para a lareira. O cheiro de roupa queimada pairava ainda no quarto.

— Suponho que sabe por que estamos aqui — disse o policial mais alto. — Precisam de você na delegacia. Quer nos acompanhar? — Olhou para Howard. Não era um olhar nada amistoso.

Durante um momento Howard pensou que ia perder os sentidos. Mary devia ter-lhes contado tudo, pensou, tudo.

— Muito bem — disse.

O policial mais baixo olhava para a lareira.

— O que é que esteve queimando? Roupa?

— Umhas roupas velhas — disse Howard.

Os policiais trocaram um olhar, uma espécie de olhar divertido, e não disseram nada. Estavam tão seguros de sua culpa, pensou Howard, que nem precisavam fazer perguntas. Tinham adivinhado que ele tinha queimado o sobretudo e por quê. Howard tirou a capa do armário e vestiu.

Saíram da casa e desceram até a um carro da polícia que estava estacionado na curva.

Howard perguntou-se o que é que estaria a acontecer a Mary nesse momento. Não tivera intenção de denunciá-lo, disse tinha a certeza. Talvez tivesse sido um deslize acidental que revelara tudo à polícia e esta interrogara-a até que ela se tinha descaído. Ou talvez ela estivesse tão transtornada quando eles chegaram que lhes contou tudo antes mesmo de saber o que estava a fazer. Howard praguejou para si por não ter tomado mais precauções em relação a Mary, por não a ter mandado para fora. A noite passada, para que não fosse um choque para ela, dissera-lhe que hoje o faria. Como tinha sido estúpido! Como realmente a compreendia pouco depois de todos os seus esforços nesse sentido! Teria sido muito melhor se tivesse morto George sem dizer nada a Mary!

O carro parou e eles saíram. Howard não tinha prestado atenção a onde se dirigiam e agora não tentou ver. Havia um grande edifício à sua frente e ele atravessou a porta com os dois policiais e depois entrou numa sala que parecia uma pequena sala de tribunal, onde um agente estava sentado numa secretária alta, como um juiz.

— Howard Quinn — anunciou um dos policiais.

O agente na secretária alta olhou para ele de cima com interesse.

— Howard Quinn. O jovem cheio de pressa — disse ele com um sorriso sarcástico. — Você é Howard Quinn que conhece Mary Purvis?

— Sim.

— E George Frizell?

— Sim — murmurou Howard.

— Já me parecia. A morada coincide. Acabo de falar com a malta de homicídios. Querem fazer-lhe umas perguntas.

Parece que também tem problemas por lá. É uma tarde agitada para si, não é?

Howard não percebeu muito bem. Olhou à volta à procura de Mary. Havia outros dois policiais sentados num banco contra a parede e um homem com um fato amarrotado que dormia noutra banco; mas Mary não estava ali.

— Sabe porque está aqui esta noite, Mr. Quinn? — perguntou-lhe o agente num tom hostil.

— Sim.

Howard olhou para a base da secretária alta. Sentiu que algo dentro de si ruía — uma estrutura que o mantivera direito durante as últimas horas, mas que fora sempre imaginária —, a sua sensação de que tinha um dever a cumprir matando George Frizell, de que estava a libertar a mulher que amava, de que livrara o mundo de um monstro maléfico, horrível. Agora, sob os olhos frios, profissionais dos três policiais, Howard podia ver o que fizera como eles o viam..., destruíra uma vida humana, nada mais. E a moça por quem ele o fizera traíra-o! Quer Mary quisesse ou não fazê-lo, tinha-o traído. Howard tapou os olhos com a mão.

— Imagino que esteja aflito pelo assassinato de um conhecido seu, Mr. Quinn, mas às cinco e quarenta e cinco não sabia de nada... ou sabia? Era por isso que ia para casa ou fosse para onde fosse com tanta pressa?

Howard tentou entender o que o policial queria dizer. Parecia ter o cérebro paralisado. Sabia que tinha disparado em George quase exatamente às 5h43. Estaria o agente sendo sarcástico? Howard olhou para ele. Era um homem de uns quarenta anos com uma cara rechonchuda, alerta. Tinha um olhar de desprezo.

— Ele estava queimando roupas na lareira quando chegamos, capitão — disse o policial mais baixo, que estava perto de Howard.

— Oh? — disse o capitão. — Por quê?

Ele sabia muito bem, pensou Howard. Sabia o que estivera queimando e por que, exatamente como os dois policiais.

— De quem eram as roupas que estava a queimar? — perguntou o capitão.

Howard continuou sem dizer nada. As perguntas irônicas punham-no furioso e envergonhavam-no ao mesmo tempo.

— Mr. Quinn — disse o capitão em voz mais alta —, às cinco e quarenta e cinco desta tarde, o Sr. atropelou um homem na esquina da Oitava Avenida com a Rua 68 e fugiu. Não é assim?

Howard olhou para ele, sem perceber.

— Reparou que o atropelou, não reparou? — perguntou, mais alto, o capitão.

“Estou aqui por qualquer outra coisa”, pensou Howard. Atropelamento com fuga!

— Eu... eu não...

— A sua vítima não morreu, se isso o faz falar com mais facilidade. Mas não por sua culpa. Está no hospital com uma perna partida... um ancião que não tem dinheiro para pagar um hospital. — O capitão franziu as sobrancelhas. — Acho que deviam levá-lo para vê-lo. O Sr. cometeu um dos crimes mais hediondos de que um homem pode ser culpado... atropelamento com fuga. Se não fosse uma mulher que conseguiu ver a sua matrícula, nunca o teríamos apanhado.

Howard de repente compreendeu. A mulher tinha-se enganado, talvez um engano de um número só na sua chapa de matrícula — mas isso dava-lhe um alibi. Se não o aproveitasse, estaria perdido. Havia muitas coisas contra ele, mesmo que Mary não tivesse falado — o fato de ter saído do armazém mais cedo do que de costume, a terrível coincidência de a polícia ter chegado precisamente quando estava a queimar o sobretudo. Howard olhou para a cara zangada do capitão.

— Estou pronto a ir visitá-lo — disse ele contritamente.

Levem-no ao hospital disse o capitão aos dois policiais. — Quando voltar, a malta de homicídios estará aqui. E a propósito, Mr. Quinn, está detido por uma fiança de cinco mil dólares. Se não quer passar a noite aqui, vale mais arranjá-los. Quer tentar arranjá-los esta noite?

Mr. Luther, o seu patrão, podia arranjá-los esta noite, pensou Howard.

— Posso telefonar?

O capitão fez um gesto para um telefone numa mesa junto da parede.

Howard procurou o número da casa de Mr. Luther na lista que estava em cima da mesa e marcou-o. Respondeu a Sra. Luther. Howard conhecia-a pouco, mas sem trocas de palavras amáveis perguntou se

podia falar com Mr. Luther.

— Boa noite, Mr. Luther — disse. — Queria pedir-lhe um favor. Tive um acidente e preciso de cinco mil dólares para a minha fiança... Não, não estou ferido, mas... podia passar-me um cheque e enviá-lo por mensageiro?

— Eu próprio vou lá levar o cheque pessoalmente — disse Mr. Luther. — Não se preocupe. vou pôr o advogado da companhia a tratar disso, se precisa de ajudar. Não aceite qualquer advogado que lhe ofereçam, Howard. Temos o Lyles, como sabe.

Howard agradeceu-lhe. A lealdade de Mr. Luther confundia-o. Howard perguntou ao policial que estava junto dele a morada da esquadra e deu-a a Mr. Luther. Depois desligou e saiu com os dois policiais que o esperavam.

No mesmo carro da polícia, dirigiram-se a um hospital em Oeste 70. Um dos policiais perguntou na recepção onde estava Louis Rosasco e depois apanharam um elevador.

O homem estava sozinho num quarto, metido na cama com uma perna engessada suspensa por cordas do teto. Era um homem grisalho com uns sessenta e cinco ou setenta anos com um rosto comprido e enrugado e uns olhos escuros e profundos que pareciam extremamente cansados.

— Mr. Rosasco — disse o policial mais alto —, este é Howard Quinn, o homem que o atropelou.

Mr. Rosasco baixou a cabeça sem muito interesse, embora olhasse fixamente para Howard.

— Lamento muito — disse Howard desajeitadamente. Não deixarei de pagar as suas contas, pode ter a certeza disso.

O seguro do carro ocupar-se-ia da conta do hospital, pensou Howard. Depois haveria a multa do tribunal — pelo menos mil dólares, quando tudo tivesse acabado, mas conseguiria alguns empréstimos.

O homem continuava calado. Parecia aturdido com calmantes.

O policial que os apresentara parecia insatisfeito porque não tinham nada a dizer um ao outro.

— Reconhece este homem, Mr. Rosasco? Mr. Rosasco abanou a cabeça.

— Não vi o condutor. Tudo o que vi foi um grande carro preto que veio contra mim — disse ele lentamente. — Deu-me de lado na perna...

Howard cerrou os dentes, à espera. O seu carro era verde, verde-claro. E não era muito grande.

— Era um carro verde, Mr. Rosasco — disse o policial mais baixo, sorrindo. Lia uma pequena ficha amarela que tinha tirado do bolso. — Um Sedã Pontiac verde. Está enganado.

— Não, era um carro preto — disse Mr. Rosasco positivamente.

— Nada. O seu carro é verde, não é, Quinn?

Howard fez que sim com a cabeça, rigidamente.

— Estava escurecendo, por volta das seis. Provavelmente não pôde ver bem o carro — disse o policial alegremente a Mr. Rosasco.

Howard olhou para Mr. Rosasco, sustendo a respiração. Durante um momento, ele olhou para os policiais, franzindo a testa, intrigado, e depois a sua cabeça voltou a cair na almofada. Ia deixar as coisas assim. Howard ficou um pouco aliviado.

— Acho que deve dormir um pouco, Mr. Rosasco — disse o policial mais baixo. — Não se preocupe com nada. Trataremos de tudo.

A última coisa que Howard viu no quarto foi o perfil cansado de Mr. Rosasco sobre a almofada, com os olhos fechados. A memória da sua cara acompanhou-o enquanto descia para a recepção. O seu álibi...

Quando voltaram à esquadra, Mr. Luther já tinha chegado e também dois homens à paisana — a malta de homicídios, pensou Howard. Mr. Luther avançou para Howard com a sua cara rosada preocupada.

— O que é que vem a ser isto? — perguntou Mr. Luther. Realmente você atropelou alguém e fugiu?

Howard baixou a cabeça, envergonhado.

— Não tinha a certeza de lhe ter tocado. Devia ter parado... mas não o fiz.

Mr. Luther olhou para ele reprovadamente, mas permaneceria leal, pensou Howard.

— Bem, dei-lhes o cheque da sua fiança — disse Mr. Luther.

— Muito obrigado.

Um dos homens à paisana avançou para Howard. Era um homem magro com olhos azuis penetrantes cara estreita.

— Quero fazer-lhe algumas perguntas, Mr. Quinn. Conhece Mary Purvis e George Frizell?

— Sim.

— Posso perguntar onde estava hoje às 5h40?

— Estava... estava a conduzir na parte alta. Ia do armazém onde trabalho na 53 e Sétima Avenida para o meu apartamento na Rua 71.

— E atropelou uma pessoa às seis menos um quarto?

— Sim — disse Howard.

O detetive abanou a cabeça.

— Sabe que George Frizell foi morto a tiro esta tarde exatamente dezoito minutos antes das seis?

O detetive suspeitava dele, pensou Howard. O que é que Mary lhes teria dito? Se pelo menos soubesse... Mas o capitão da polícia não dissera especificamente que George Frizell fora morto a tiro. Howard franziu as sobrancelhas com força.

— Não — disse.

— Foi. Falamos com a sua noiva. Ela diz que foi você quem o matou.

O coração de Howard parou durante um instante. Olhou para os olhos interrogadores do detetive.

— Não é verdade.

O detetive encolheu os ombros.

— Ela está muito histérica. Mas também diz isso muito convencida.

— Não é certo! Deixei o armazém... o armazém onde trabalho por volta das cinco, fui... — A sua voz foi-se abaixo. Era Mary quem o estava a denunciar... Mary.

— Você é o noivo de Mary Purvis, não é?

— Sim — respondeu Howard. — Não posso... ela deve estar...

— Você queria ver Frizell fora do caminho?

— Eu não o matei. Não tive nada que ver com isso! Nem sequer sabia que tinha morrido! — balbuciou Howard.

— Frizell visitava muito Mary, não é assim? Foi o que me disseram as duas Sr.ias. Alguma vez pensou que podiam estar apaixonados?

— Não. Claro que não.

— Não tinha ciúmes de George Frizell?

— Claro que não.

As sobrancelhas arqueadas do detetive não tinham descido. Toda a sua cara era como um grande ponto de interrogação.

— Não? — perguntou sarcasticamente.

— Olha lá, Shaw — disse o capitão da polícia, descendo da sua secretária. — Sabemos onde estava Quinn às seis menos um quarto. Ele pode saber quem o fez, mas não o fez ele próprio.

— Sabe quem o fez, Mr. Quinn? — perguntou o detetive.

— Não, não sei.

— O capitão McCaffery disse-me que estava a queimar umas roupas esta noite na sua lareira. Estava a queimar um sobretudo?

A cabeça de Howard saltou negando desesperadamente.

— Estava a queimar um casaco e um colete, também. Estavam cheios de buracos das traças. Não queria tê-los mais no armário.

O detetive pôs um pé numa cadeira e inclinou-se mais sobre Howard.

— Foi um momento estranho para queimar um casaco, não era? Logo depois de ter pensado que atropelou uma pessoa e que talvez a tivesse morto? De quem era o casaco que queimou? Do assassino? Talvez porque tinha um furo de bala?

— Não — disse Howard.

— Não encarregou alguém de matar Frizell? Alguém que lhe trouxe o casaco para se ver livre dele?

— Não. — Howard olhou para Mr. Luther, que estava a escutar com toda a atenção. Howard endireitou-se mais.

— Não teria assassinado Frizell, saltado para o seu carro e corrido para casa, atropelando um homem no caminho?

— Shaw, isso é impossível — interveio o capitão McCaffery.

— Temos a hora exata em que isso aconteceu. Não é possível ir da 34 e Sétima à 68 e Oitava em três minutos, por mais depressa que se vá! Tens de aceitar as coisas tal como são!

O detetive não deixava de olhar para Howard.

— Trabalha para este homem? — perguntou, fazendo um gesto na direção de Mr. Luther.

— Sim.

— O que é que faz?

— Sou o vendedor para Long Island de William Luther Sporting Goods. Entro em contato com escolas em Long Island e também coloco os nossos produtos em armazéns da zona. Apresento-me no armazém às nove e às cinco. — Recitou isto como um papagaio. Sentia os joelhos fracos. Mas o seu álibi aguentava-se... como uma parede de pedra.

— Muito bem — disse o detetive, retirando o pé da cadeira e virando-se de Howard para o capitão. — Continuaremos a trabalhar na coisa. O caso continua em aberto para quaisquer pistas. — Sorriu para Howard, um sorriso frio de despedida. Depois disse: — A propósito, já viu isto alguma vez?

— Tirou do bolso a mão com o pequeno revólver de Bennington.

Howard olhou para ele.

— Não, nunca o vi antes.

O homem voltou a meter a arma no bolso.

Talvez precisemos de falar consigo outra vez disse ele com outro sorriso leve.

Howard sentiu a mão de Mr. Luther no seu braço. Saíram para a rua.

— Quem é George Frizell? — perguntou Mr. Luther. Howard molhou os lábios. Sentia-se muito estranho como se tivessem acabado de lhe dar uma pancada na cabeça e tivesse ficado com o cérebro dormente.

— Um amigo de uma amiga. Um amigo de uma moça minha conhecida.

— E a moça? Mary Purvis, não é? Está apaixonado por ela?

Howard não respondeu. Olhou para o chão que pisava.

— Não foi ela que o acusou?

— Sim — disse Howard.

A mão de Mr. Luther apertou-lhe o braço com mais força.

— Tenho a impressão de que agora iria bem um copo... Entramos?

Howard viu que estavam diante de um bar. Abriu a porta.

— Provavelmente ela está muito transtornada, sabe — disse Mr. Luther. — As mulheres ficam assim. O tipo que mataram era amigo dela, não era?

Agora era a língua de Howard que estava paralisada, embora o seu cérebro girasse a grande velocidade. Estava a pensar que, depois disto, nunca mais poderia voltar a trabalhar para Mr. Luther, que não podia enganar uma pessoa como Mr. Luther... Mr. Luther continuava a falar. Howard pegou no pequeno copo e bebeu metade. Mr. Luther estava a dizer-lhe que Lyles o tiraria de problemas num abrir e fechar de olhos.

— Tem de ter mais cuidado, Howard. É uma pessoa impulsiva, sempre soube isso. Tem o seu lado bom e o seu lado mau, claro. Mas esta noite... tenho a sensação de que sabia que podia ter atropelado aquele homem.

— Tenho de fazer uma chamada telefônica — disse Howard. — Desculpe-me um minuto. — Correu à cabina na parte traseira do bar. Tinha necessidade de ouvir aquilo da voz dela. Devia estar em casa. Se não estivesse em casa, cairia morto ali mesmo na cabina. Rebutaria.

— Está? — Era a voz de Mary, pesada e sem vida.

— Olá, Mary, sou eu. Você não... o que disse à polícia?

— Disse — disse Mary lentamente — que você matou meu amigo.

— Mary!

— Eu te odeio.

— Mary, você não quer dizer isso! — gritou ele.

Mas ela queria dizer e ele sabia.

— Eu o amava e precisava dele e você o matou — disse ela. — Eu te odeio.

Ele rangeu os dentes, deixando que as palavras ecoassem no seu cérebro. A polícia não o pegaria. De qualquer maneira, ela não podia fazer isso. Desligou o telefone.

Depois ficou de pé no bar e a voz calma de Mr. Luther continuava como se não tivesse parado nunca enquanto Howard telefonava.

— As pessoas têm de pagar, é tudo — dizia Mr. Luther. — As pessoas têm de pagar pelos seus erros para que não os repitam... Sabe como eu o aprecio, Howard. Vai superar tudo isso. — Uma pausa. — Acaba de falar com Miss Purvis?

— Não estava em casa — disse Howard.

Dez minutos mais tarde tinha deixado Mr. Luther e ia para a cidade num táxi. Dissera ao motorista que parasse na esquina da Rua 37 com a Sétima. Assim, no caso de estar a ser seguido pela polícia, podia simplesmente continuar a andar sem se aproximar do seu carro.

Saiu na Rua 37, pagou ao motorista e olhou em volta. Não viu nenhum carro que parecesse estar a segui-lo. Caminhou na direção da Rua 35. Os dois uísques que bebera com Mr. Luther tinham-no animado. Caminhou rapidamente, com a cabeça levantada, mas, de uma maneira curiosa e aterradora, sentia-se desesperadamente perdido. O seu Pontiac verde estava na curva onde o deixara. Tirou as chaves e abriu a porta.

Viu o papel de uma multa... viu-o logo que se sentou atrás do volante. Estendeu o braço e retirou-o de debaixo do limpa-pára-brisas. Uma multa de estacionamento. Sem importância, pensou, tão insignificante que sorriu. A caminho de casa, ocorreu-lhe que a polícia tinha sido muito estúpida em não ficar com sua carteira de motorista quando o interrogaram na esquadra e começou a rir. O papel da multa estava a seu lado no banco. Parecia tão pequeno, tão inofensivo, comparado a tudo pelo que tinha passado, que riu também do papel.

Depois, da mesma maneira súbita, seus olhos encheram-se de lágrimas. A ferida que as palavras de Mary tinham feito nele estava ainda aberta, ainda não tinha começado a doer, sabia-o bem. E antes de que começasse a doer, tentou fortificar-se. Se Mary continuasse a acusá-lo, exigiria que fosse examinada por um psiquiatra. Sempre soubera que ela não era completamente normal. Tentara levá-la a um psiquiatra por causa de George, mas ela sempre se recusara. As suas acusações não se aguentariam porque ele tinha um álibi, um álibi perfeito. Mas se ela continuasse...

Na verdade, Mary o tinha encorajado a matar George, agora tinha certeza disso. Fora realmente ela que, com mil coisas sugeridas, metera aquela ideia em sua cabeça. Não há saída, Howard, exceto se ele morrer. Então ele o tinha assassinado — para ela... e Mary o denunciara. Mas a polícia não o pegaria.

Havia um estacionamento livre com quase cinco metros perto de casa e Howard deixou o carro junto à curva. Fechou o carro e foi para casa.

O cheiro de roupa queimada ainda pairava no apartamento e achou estranho, porque já se passara tanto tempo. Examinou de novo o papel da multa à luz.

E de repente soube que seu álibi tinha desaparecido.

A multa tinha sido dada exatamente às 5h45.



# Não se pode confiar em ninguém



Na sexta-feira à tarde, Claude sabia exatamente como seria.

Ralph Carpenter visitaria Lola às 3h de domingo e ter-se-ia ido embora às 4h — sem a mínima dúvida, porque tinha que apanhar um trem às 4h, dissera ela. Claude iria a casa de Lola por volta das 4:10, matá-la-ia com a estatueta do gato ou com qualquer outra coisa pesada que tivesse à mão, deixaria o apartamento, a criada de Lola chegaria às 5:00 e encontraria o corpo. As impressões digitais de Ralph estariam por toda a parte — nos copos ou xícaras, nas garrafas, no isqueiro de Lola. Ralph era um tipo inquieto que andava sempre às voltas a tocar em tudo. A única coisa que Claude pensava limpar era a estatueta do gato, que seria exatamente o que um jovem cabeça no ar como Ralph faria — limpar a arma e deixar as impressões digitais em tudo o resto.

A gripe de que Lola se queixara a Claude na quinta-feira à noite no teatro tinha piorado na manhã seguinte e Lola dissera que ficaria em casa todo o fim-de-semana e não veria ninguém exceto Ralph, que apareceria por volta das três no domingo. Claude pensara de repente — como uma dessas ideias súbitas intuitivas que costumava ter depois de horas de fútil meditação para resolver qualquer problema da sua representação — que Ralph Carpenter era a pessoa exata a quem imputar o assassinato.

Até havia um motivo: Ralph ia perder o apoio financeiro de Lola Parsons. E por quê? Claude diria que Lola decidira tentar de novo fazer as pazes com o marido, Claude, e ele convencera-a de que já era tempo de que Ralph Carpenter aprendesse a valer-se por si.

Há dois anos que Claude tentava impedir Lola de encorajar Ralph como ator, de lhe dar 300 ou 400 dólares todos os meses ou qualquer coisa assim. Os amigos comuns achavam que Ralph era a principal razão da separação de Claude e Lola, atribuindo-a aos ciúmes de Claude. Mas não era certo. Por que razão ele havia de ter ciúmes de um bonifrate de 24 anos com uma cara bonita, que não se distinguira em nada desde que começara a sua “carreira” aos 21? Quando ele, Claude Merrivale, aos 19, fizera o Hamlet em Filadélfia tivera opiniões entusiasmadas dos principais críticos de Nova York? E quanto a qualquer romance entre Ralph e Lola..., era absurdo! Lola tinha vinte anos mais do que Ralph. Andava simplesmente a divertir-se com ele; gostava que ele dançasse com ela e Ralph estava sempre disposto. Era tudo. Na sexta-feira à tarde, Claude pegou no telefone e ligou para os McLains. Liz e Ed McLain eram velhos amigos dele e de Lola e viviam perto de Lola em Greenwich Village.

— Claude! Onde é que tens andado escondido? — perguntou Liz.

— Oh, ultimamente tenho visto muito a Lola.

— Que bom. Não me admiraria nada se vocês fizessem as pazes. Ed está convencido de que sim.

— Bem, há uma possibilidade — disse Claude com um tom alegre. — Estava a pensar se podia passar lá por casa no domingo à tarde, digamos por volta das três?

— Sei que estaremos em casa. Ed levanta-se por volta do meio-dia e agora eu estou desempregada e por isso não há pretexto para dormir o dia todo. Ficaremos encantados, Claude.

— Como está Ed? Ainda agarrado ao “Whistle”?

— O que é que queres dizer por “agarrado”? Jimmy vai para a Universidade com o que Ed ganhou com o “Whistle”.

Logo depois de desligar, Claude censurou-se por ter dito “agarrado”, porque Ed tivera muito êxito em “The Silver Whistle”. A sua observação soara como se fosse ciumenta e isso recordou a Claude uma coisa que Lola dissera no teatro na quinta-feira à noite. Havia na peça um homem de 50 anos, de cabelos grisalhos, de cuja maneira de representar Claude não tinha realmente gostado e dissera-o a Lola. Então, Lola, na sua maneira risonha que às vezes dava vontade de a matar, observara:

— É o problema de vir ao teatro com você. Vês alguém com um papel que tu podias fazer e ficas logo a odiá-lo e à peça toda. — (“Eu não disse que não gostava da peça toda”, protestara Claude, mas Lola não o ouvira e o mal estava feito.)

Claude tinha de admitir que em parte era certo. Estava amargurado pela sua falta de trabalho. Desde que tivera aquele acidente de automóvel há quatro anos, que o deixara um pouco coxo, a sua sorte piorara. Toda a gente dizia que ser um pouco coxo lhe daria distinção em cena e honestamente não podia atribuir a isso a culpa pela sua falta de trabalho, mas datava a sua má sorte desde a altura do acidente.

E as zangas com Lola tinham começado aproximadamente também nessa época. A falta de trabalho punha-o nervoso e Lola não fora capaz de perceber isso. Como podia ela perceber, se nunca tivera que se preocupar com problemas monetários nem um só dia da sua vida? Dos 20 aos 39 anos fora a espetacular Lola Parsons, loura de olhos azuis, e, quando a sua beleza começou a declinar, limitou-se a abandonar o palco e começou a viver das suas rendas independentes. Nunca soubera o que era ver a sua aparência murchar com o tempo e os seus papéis e a sua fama diminuírem ao mesmo ritmo.

Finalmente, há dois anos, tinha-lhe dito que ele estava “tão avinagrado com o mundo” que não merecia arranjar trabalho e era tão desagradável viver com ele que não tinha intenção de continuar a fazê-lo durante mais tempo. Claude abandonara o seu apartamento na Village e alugara um outro para ele sozinho na Vinte Este. A sua vida não fora fácil durante aqueles dois últimos anos. Lola oferecera-lhe dinheiro às vezes, mas ele era orgulhoso demais para aceitar..., exceto uma ou duas vezes talvez. Em todo aquele tempo só conseguira pequenos papéis e pusera no prego todas as suas joias. Várias pessoas lhe tinham prometido trabalho, mas de uma maneira ou de outra as promessas nunca se materializavam. Chegara a pensar que não se podia confiar em ninguém.

Há uns poucos meses, Claude começara a pensar que não podia suportar por mais tempo a sua semipobreza com Ralph Carpenter aceitando tranquilamente dinheiro de Lola — e perguntara-lhe se podia voltar a viver com ela; mas ela dissera que não.

— Podemos continuar amigos e nos ver de vez em quando, não? — perguntara ele então.

— Naturalmente, Claude — dissera Lola. — Você é que quer sempre cortar as coisas pela raiz.

Assim, começara a vê-la mais ou menos uma vez por semana, só para ter uma ideia geral da maneira como ela vivia agora, porque tinha decidido matá-la se conseguisse arranjar uma maneira segura de o fazer. Há alguns anos, Lola fizera testamento, deixando-lhe todo o seu dinheiro, e ele tinha a certeza de que ela não o tinha modificado nos dois últimos anos. Não era uma mulher tão prática como isso. Recordava, há uns cinco ou seis anos, o que lhe custara convencê-la a fazer testamento. Os pormenores aborreciam-na. E, além disso, ele perguntara-lhe sarcasticamente, numa das suas discussões, precisamente antes de sair de casa, se ia modificar o testamento e ela respondera-lhe com indiferença:

— Claro que não. Para quê incomodar-me?

Verificara que ela continuava a encontrar-se com os velhos amigos de sempre, que não tinha amigos masculinos que pudessem ser considerados interesses românticos, que continuava a deitar-se tarde e que às vezes tinha reuniões com gente do teatro depois da meia-noite, e que tinha uma criadinha francesa chamada Colette que ia lá todas as tardes às cinco exceto às segundas-feiras.

De uma coisa Claude estava certo a respeito de Lola: não discutia os seus assuntos privados com os amigos. Como consequência, quando ele disse aos McLain e a Joyce Gilmore (quando lhes telefonou

no sábado), e talvez a algumas pessoas mais, que iam voltar a viver juntos de novo, todos acreditaram.

Claude telefonou a Joyce Gilmore no sábado à tarde e perguntou-lhe se podia passar por lá por volta das quatro e meia de domingo porque ia estar perto da casa deles. “com certeza, Claude!”, disse Joyce, como ele sabia que ela diria. Joyce tinha 22 anos, era ambiciosa, estava apaixonada pelo palco e tinha uma pequena mensalidade da família. Desde pequena tinha ouvido falar de Lola Parsons e Claude Merrivale e conhecer ambos pessoalmente, poder tratá-los por tu, era para ela uma experiência fascinante. Assim, agora Claude tinha dois encontros no domingo..., um antes e outro depois do assassinato.

Claude foi a casa dos McLains pouco depois das três do domingo, precisamente no momento em que Ralph devia chegar a casa de Lola. Os McLains deram-lhe café gelado e pudim de pão.

— O que é isso que ouvi dizer de ti e de Lola? — perguntou Ed. — Vocês estão realmente a arranjar as coisas?

Claude sorriu e deslizou os dedos sobre o nariz, um velho truque seu do palco quando queria parecer tímido ou atrapalhado.

— Como já disse à Liz, é uma possibilidade. Um pouco mais do que isso, parece.

— Ficaria muito contente, Claude — disse Ed de todo o coração. — Que pena que ela não esteja aqui agora!

— Está de cama com uma terrível gripe, sabes? disse Claude. — E Ralph Carpenter vai lá esta tarde. Acho que quer ter uma conversa com ele.

— Oh, sim, o seu protegido. O que é que ele faz ultimamente? — perguntou Ed.

— Acho que não faz grande coisa. Diz que estará em Massachusetts para um trabalho no repertório de Verão. — O tom de Claude fez que o trabalho soasse como algo duvidoso. — Parece que convenci Lola de que está a apostar no cavalo errado e esta tarde vai dar-lhe a notícia de que não espere mais... hum... apoio seu. Espero que não lhe dê com muita força.

— Realmente, tem estado a financiá-lo? — perguntou Liz.

— Oh... três ou quatro mil por ano, parece. Não é que eu não concorde em ajudar um jovem ator que procura abrir caminho, mas este... Não gasta muito as solas à procura de trabalho. Disse à Lola que se eu ia ser outra vez o homem da casa, este tipo de coisas teria de acabar.

Exatamente antes das quatro, Claude levantou-se para se ir embora. Os McLains animaram-no a ficar um pouco mais.

— Não, prometi a Joyce Gilmore que passava por lá. E quero ir à Rua 8 comprar um pouco do meu tabaco de cachimbo preferido.

Claude desceu os dois lanços da escada e saiu pela porta que dava para a Rua Charles às 3:57. O apartamento de Lola era só a uns quarteirões dali e o de Joyce a quatro quarteirões do de Lola. Claude dirigiu-se com andar tranquilo até o apartamento de Lola na Rua Grove, por um caminho que provavelmente Ralph não tomaria se ia à procura de táxi ou a caminho da estação de metro da Rua Christopher. Claude percorreu o lado oeste da Rua Bleecker e, quando chegou a poucos metros de onde a Rua Grove se cruzava com Bleecker, viu Ralph caminhando do outro lado da Grove em direção à Sétima Avenida, de cabeça baixa e com um casaco de linho às riscas pendurado ao ombro. Ia atrasado. Claude esperava que não perdesse o seu comboio, pois de outro modo poderia voltar a casa de Lola.

Claude tocou a campainha de Lola. Ela abriu logo o porteiro automático. Claude subiu a escada. Lola vivia no último andar.

— Ralph? — perguntou ela. — Esqueceste-te de alguma coisa?

— Não, sou eu. Importas-te que suba?

— Claude? — Lola debruçou-se sobre o vão da escada. Caramba, isto, sim, é uma surpresa. Feliz domingo! Costumava dizer “Feliz domingo!” todos os domingos de manhã ao pequeno-almoço, quando viviam juntos.

— Um domingo quente — observou Claude e olhou-a da cabeça aos pés quando chegou ao patamar. Ela vestira um roupão de tafetá com as suas amplas mangas presas nos pulsos por duas pulseiras lisas de prata que ele lhe oferecera num dos seus aniversários. O seu cabelo era uma grande massa dourada à volta de um rosto de brilhantes olhos azuis.

— Ralph acaba de sair — disse ela. — Estivemos no terraço a tentar apanhar um pouco de brisa. Queres ir até lá? Faz mais fresco lá fora.

— Não, não particularmente — disse ele, embora o pequeno terraço, lembrava-se bem, fosse bastante discreto e muitas vezes Lola tomava lá banhos de sol nua durante o Verão.

Claude olhou para a estátua de alabastro do gato sobre a mísula da lareira, depois para o terraço, onde sobre a pequena mesa em frente da cadeira de balanço havia uma garrafa de Dubonnet e outra de soda, dois copos, o balde de gelo e o isqueiro de mesa em prata de Lola, em que Ralph certamente devia ter tocado.

— O que é que tens? — perguntou Lola. — Estás mais rígido do que um pau. Aconteceu-te alguma coisa?

— Nada — disse Claude e dirigiu-se, inquieto, para o terraço. Os seus olhos cravaram-se no taco de croquete batido pelas intempéries, que podia ser melhor do que a estatueta do gato, supondo que a discussão tivesse começado no terraço. Claude pegou no taco com um ar distraído. Lola estava ainda na sala. Aproximou-se com o cabo do taco na mão direita, a cabeça na mão esquerda.

— Como está Ralph? — perguntou.

— Maravilhoso. — Lola sorriu com o seu sorriso mais feliz. — Muito esperançado com o seu trabalho de Verão. Ele...

Claude levantou o taco e deixou-o cair sobre os seus olhos aterrados, diretamente sobre a testa, e assestou-lhe outro golpe na parte superior do crânio quando caía. A sua cara começou a sangrar. Claude limpou cuidadosamente o taco de croquete com o lenço e deixou-o cair lá fora, no terraço. Verificou as pulsações de Lola, primeiro no pulso, depois no pescoço. Não sentiu nada. Depois sentiu-se mal e reparou que, se tivesse de lhe bater de novo, não seria capaz.

Olhou rapidamente a sala à sua volta, embora estivesse demasiado nervoso para ver fosse o que fosse exceto a habitual desordem de Lola antes da chegada da criada. Limpou o suor da testa com o lenço, verificou se não havia ninguém na escada e depois desceu. Limpou também os puxadores de latão da porta da frente e o botão que tinha apertado.

Tirou o casaco enquanto caminhava até casa de Joyce Gilmore, tentando combinar a pressa — porque já eram 4h16 — com o desejo de se acalmar antes de lá chegar.

Joyce recebeu-o entusiasmada.

— Oh, Claude, é maravilhoso ver-te de novo! Tenho notícias! Talvez consiga trabalho de elenco em Kennebunkport se a fulana que tem o trabalho agora se casar e eu acho que sim. Que te parece?

Claude deu-lhe os parabéns adequados e depois disse:

— E o que é que dizes da minha notícia? De que Lola e eu vamos tentar de novo?

— Magnífico, estou muito contente! Feliz! Felicidades aos dois!

— Obrigado — respondeu Claude. Sabia que Joyce gostava muito de Lola, porque Lola lhe dedicara muito do seu tempo, ensinando-a, mostrando-lhe como usar a voz.

Joyce preparou-lhe também café gelado. Claude olhou para o relógio. Já eram quase cinco, hora a que devia chegar a criada de Lola, Colette. Ficou em casa de Joyce até pouco depois das cinco, enquanto ela falava das perspectivas de trabalho no Outono, e depois saiu.

Foi a uma loja de tabaco na Rua 8 e comprou a sua marca especial que mencionara aos McLains, a fim de poder mostrá-la se lhe perguntassem por isso. Depois voltou ao seu apartamento. Esperava um telefonema imediatamente, mas pouco depois das seis o telefone ainda não tinha soado.

O telefone permaneceu toda a tarde silencioso.

Sairia no *Times* amanhã de manhã, com certeza. Colette ou a polícia simplesmente não o tinham considerado chegado o bastante a Lola para telefonarem imediatamente. Ou talvez a polícia já estivesse à procura de Ralph Carpenter. O nome de Ralph devia estar na agenda de Lola. Ela tomava sempre nota dos encontros na agenda.

Mas não saiu no *Times* da manhã seguinte, segunda-feira. Claude não entendia. Era impossível que a polícia silenciasse o assassinato de alguém tão conhecido como Lola Parsons. Ou Colette não teria aparecido ontem? Trabalhava para Lola aos domingos. O seu dia livre era segunda.

Claude recordava que o apelido de Colette era qualquer coisa parecida com Duchout ou Duchesne e que vivia no lado oeste. Encontrou uma Jeanne Duchesne na Oitenta Oeste — talvez a mãe ou a irmã e marcou o número. Tinha razão. Uma mulher com sotaque francês atendeu e depois Colette veio ao telefone.

— Olá, Colette, Sou Claude Merrivale — disse Claude. Perguntava se não podias ir hoje a casa de madame Lola, embora seja o teu dia livre, porque ela não se sente nada bem. Tem uma grande gripe. De fato, estou preocupado porque o telefone dela não responde e ela não devia sair de casa no seu estado.

— Ah, m'sieur, sinto muito. Disse à Sra. no domingo de manhã que não podia lá ir porque estou malade com a mesma gripe, parece. Hoje estou realmente pior. É uma gripe. Mas amanhã, terça, passarei por lá. Hoje tenho de ficar em casa porque o médico virá ver-me. — Fez uma pausa para se assoar. — Talvez fosse para casa de algum amigo porque eu não podia ir, m'sieur. Talvez esteja com a prima.

— É uma ideia — disse Claude. — vou telefonar à prima. Mas pode lá ir amanhã?

— Ah, oui, m'sieur!

Claude desligou, contrariado. Portanto, amanhã. As impressões digitais ainda estariam lá.

De repente recordou que Joyce Gilmore dissera que iria a casa de Lola na terça-feira ao meio-dia para uma lição de dicção. Esplêndido! Lola não atenderia à porta e então Joyce telefonaria talvez aos McLains a ver se estaria em casa deles, e depois telefonar-lhe-ia a ele. Era esse tipo de moça: levava as suas lições de dicção muito a sério. Diria a Joyce que ele também estava preocupado porque Lola não atendera o telefone e não achava que deviam chamar o superintendente do edifício para que abrisse o apartamento?

Claude foi para a cama à meia-noite e passou uma segunda noite sem dormir.

Não havia nada em *The Times* sobre Lola na terça-feira de manhã. Claude esperara que Lola tivesse algum encontro com alguém na segunda, alguém suficientemente persistente para querer saber onde se ela encontrava, inclusive para exigir que a porta fosse aberta. Supunha que isso era esperar muito. De qualquer maneira, não foi assim.

Terça-feira, meio-dia. Nenhuma chamada de Joyce. Depois, à uma e um quarto, o telefone soou. Era Colette. Claude sentiu esperanças.

— Olá, m'sieur Merrivale. Telefone-lhe para dizer que no fim de contas, hoje não posso lá ir. O médico disse que tenho de ficar de cama até quinta. Digo-lhe porque não posso comunicar com madame. Não atende o telefone.

Claude teve vontade de praguejar. Não se pode confiar em ninguém!

— Está bem, Colette — disse ele, pouco amável. — Eu digo-lhe.

— Seguramente irei na quinta-feira, m'sieur.

Claude telefonou a Joyce Gilmore. Joyce estava em casa. Claude falou com ela como se não se lembrasse que ela tinha que ir a casa de Lola ao meio-dia. Tinha um pretexto para lhe telefonar, um pretexto caro: gostaria de ir ver Um Dia Esplêndido com ele na quinta à noite? Certamente não teria de comprar os bilhetes, porque o corpo de Lola já teria sido encontrado nessa altura.

— Gostaria muito de ir, Claude! Mas não é uma obra muito boa, pois não?

— Não, mas não há muito por onde escolher nesta época do ano. Hum, não devias ter estado hoje com Lola?

— Oh, não estava. Acabei por voltar para casa. Já sabes como ela é. Nem sempre se lembra das coisas, embora tome nota de tudo na sua agenda.

— Não consigo comunicar com ela desde..., desde domingo pela manhã, parece. Não responde. Francamente, estou um pouco preocupado.

— Oh, não deves preocupar-te. Se calhar foi almoçar com alguém e esqueceu-se do encontro que tinha marcado comigo. Voltarei a telefonar-lhe às três ou às quatro.

— A sério, Joyce, estou a pensar pedir ao superintendente do edifício que abra o apartamento. Queres vir a casa de Lola comigo, se te for buscar a casa?

— Tenho uma entrevista dentro de quarenta e cinco minutos por causa desse trabalho em Kennebunkport, Claude. Mas não te preocupes, porque se está boa para sair, é porque a gripe já passou. Agora tenho que me ir vestir. Telefona-me antes de quinta-feira e marcamos a hora. Ou telefono-te eu. Um milhão de obrigadas. Adeus. — Desligou.

Teria de ir ao superintendente do edifício e pedir que abrisse o apartamento, pensou. Mas temia fazer isso. Seria muito mais fácil enviar alguém, como os McLains. Resolveu telefonar aos McLains, assim como à prima de Lola, antes de telefonar ao superintendente. Seria muito melhor.

Marcou o número dos McLains. Ninguém respondeu.

Depois telefonou à prima de Lola, a Sra. Alice Haney, que vivia perto de Gramercy Park. Após os preliminares “Como estás?” e “Há tanto tempo”, que Claude notou bastante frios da sua parte, perguntou se Lola estava em sua casa.

— Não, não está.

— É que não atende o telefone e não sei onde pára — disse Claude. — Tem andado doente, sabe?, de cama com uma gripe. Começo a estar preocupado.

— Talvez fosse passar uns dias com algum amigo. Ninguém gosta de estar só quando não se sente bem.

— Mas pergunto se não lhe terá acontecido qualquer coisa no apartamento. Pensei que talvez fosse boa ideia abrir a porta. Não quereria vir comigo falar com o superintendente, porque eu não tenho a chave?

— Acabo de lavar o cabelo e ainda levaria algumas horas para poder sair à rua, Claude. No seu lugar, eu não me preocuparia tanto.

— Mas já telefonei a alguns amigos — disse Claude, desesperado.

— Bem, deixo ao seu critério dar os passos necessários para que abram o apartamento. Você talvez a conheça melhor. Se realmente se sente tão preocupado...

Claude esperou, mas a Sra. Haney não disse mais nada.

— Está bem, farei isso por minha conta — murmurou. Obrigado, Sra. Haney. Adeus.

Deixo ao seu critério! Maldita! Nem numa prima se pode confiar!

Esperaria até o dia seguinte para telefonar ao superintendente, pensou. Ainda podia acontecer qualquer coisa esta noite. Talvez Lola tivesse previsto dar uma festa depois do teatro. Claude rezou para que assim fosse.

Ligou o rádio, com a esperança de que houvesse alguma coisa nas notícias sobre um corpo encontrado num apartamento de Manhattan. Nada. A previsão do tempo falava de chuva para essa tarde e para o dia seguinte.

A chuva lavaria as impressões digitais dos copos no terraço... se chovesse bastante. Seria melhor falar com o superintendente hoje mesmo.

Claude não sabia o o sobrenome do zelador do edifício, só que se chamava Joe e que morava na casa ao lado. Telefonou para a agência imobiliária encarregada do apartamento de Lola e pediu o número

de telefone do superintendente chamado Joe que se ocupava do edifício de Lola na Rua Grove. O apelido do superintendente era Donovan, disse a agência, e deu-lhe o número de telefone.

Claude teve a sorte de encontrar Joe em casa.

— Ouça — disse Claude —, estou muito preocupado com uma inquilina do 86 bis, a Sra. Lola Parsons. Não atende o telefone desde domingo. Queria ter a bondade de abrir a porta do seu apartamento e ver se está tudo bem?

— A Sra. Parsons? Se ela não atende o telefone, não atende. Tem gente entrando e saindo de lá a todas as horas da noite. Ela nem sempre deixa todos entrarem. — Soava como se mastigasse alguma coisa.

— Não lhe estou pedindo que toque lá. Sou o marido, Claude Merrivale. Lembra-se de mim? Antes eu morava lá. Estou pedindo que abra a porta com a sua chave-mestra.

— Humm — disse Joe, como se não estivesse certo de acreditar nele ou não. — Provavelmente foi passar uns dias fora. Às vezes ausenta-se.

— Mas acontece que eu sei... — Claude parou. Não serviria de nada usar de novo a gripe de Lola. — Quer dar uma olhada, por favor? Vá lá ver hoje mesmo.

— Está bem, está bem — disse Joe.

Claude não ficou com a certeza de que o homem tinha a intenção de fazê-lo ou não.

— Telefono um pouco mais tarde para saber.

Claude começou a andar de um lado para o outro.

Olhou para o céu. Um pedaço de luz entre as nuvens cinzentas alegrou-o. Era ótimo que as impressões digitais não se evaporassem, pensou. Mas suponhamos que a chuva chegasse cedo essa tarde, digamos dentro de uma hora, antes do zelador chegar lá. Não tinha a certeza de que as impressões digitais de Ralph estivessem em qualquer outro sítio fora do terraço. Podiam estar, mas como estar seguro? Era incrível que ninguém estivesse preocupado, que um cadáver pudesse permanecer 48 horas num apartamento sem que ninguém soubesse. Claude não deixou de andar de um lado para o outro até as quatro, momento em que voltou a telefonar a Joe.

— Não está — disse uma voz feminina. — E volta muito tarde. Talvez às nove. Foi consertar um encanamento na Rua Perry. — A voz era aguda e pouco cooperativa.

— Sabe se foi ao apartamento da Sra. Parsons?

— De quem? Não foi ao apartamento de ninguém.

Claude suspirou.

— Está bem. Diga que o Sr. Merrivale telefonou e que volto a telefonar depois das nove.

— Quem?

Claude soletrou o nome. — O... o marido da Senhora Parsons.

Limpou o suor da testa e serviu-se um brandy generoso.

Às nove e quinze, telefonou de novo. Ainda não tinha voltado e era óbvio pelo tom da Sra. Donovan que não tinha intenção de pedir ao marido que fosse abrir um apartamento sem uma boa razão depois de ter estado toda a tarde trabalhando.

Claude foi para a cama esgotado, mas não conseguiu dormir. Pelo menos não chovia, mas a rádio e a televisão prognosticavam chuva “no fim da tarde de amanhã”.

Quarta-feira chegou enevoadada e sufocante. Claude telefonou a Joe Donovan muito cedo, mas não suficientemente cedo porque Joe já tinha ido trabalhar. A Sra. Donovan prometeu falar-lhe do apartamento da Sra. Parsons quando viesse almoçar, e Claude disse que voltaria a telefonar então.

Telefonou outra vez às doze e um quarto. Joe não iria almoçar, disse a mulher, e não sabia onde estava nesse momento.

Claude sentia-se completamente perdido. Ligou o rádio e tentou apanhar a previsão meteorológica. Finalmente ouviu um.

— ...a chuva por que todos temos rezado ainda se pode materializar esta tarde. Ventos frios do Canadá estão a caminho e, quando chegarem, esta massa de calor que tem estado a pairar sobre Nova York durante os últimos seis dias..., rapazes! Será então que suponho que a maioria de vocês exclamará: “Que alívio!” E suponho que irão logo ao frigorífico buscar uma garrafa da melhor cerveja... americana...

Claude desligou. Começou a roer as unhas.

Tentou de novo os McLains. Respondeu uma voz masculina, desconhecida e sonolenta.

— Posso falar com Liz, por favor?

— Oh, hum... Liz estará fora até o próximo domingo. Fora da cidade... Não, Ed está com uns amigos na parte alta. Alugaram-me o apartamento por uns dias. Quer o número de Ed?

Claude hesitou. Era tudo complicado demais.

— Não, obrigado.

Tremia. Hoje era quarta-feira. Tomou outro brandy e olhou para o céu. As nuvens estavam a acumular-se.

Tentou de novo Joe. Ninguém respondeu.

Mas a chuva conteve-se. Anoiteceu. As previsões do tempo gemiam sob o abortado dilúvio. Claude sorriu. Não ia chover. E amanhã Colette chegaria às cinco com a chave.

Quinta-feira, mais quente e abafada, mas o sol penetrava um pouco por entre as nuvens, como uma luz eléctrica débil num quarto cheio de vapor. A previsão do tempo que Claude ouviu às oito, no entanto, garantia chuva a meio da tarde.

— ... e desta vez é a sério, amigos, por isso não se esqueçam da gabardina quando forem para o trabalho. Todas as estações de observação na costa nordeste prevêm chuva e muita, o que arrefecerá as abrasadoras cidades de toda...

Claude telefonou imediatamente a Joe depois de ouvir isto.

— Ouça, Sr. — disse Joe. — Começo me cansar cansar de tudo isto. Tenho um monte de coisas para fazer além de incomodar alguém que não quer ser incomodado...

— Ah, sim? Bem, talvez o Sr. não conheça a Sra. Parsons tão bem como eu... Não, Sr.. Sinto muito. Adeus.

O céu só precisava, pensou Claude, de um raio. Resolveu telefonar para Colette e perguntar se não podia ir à Rua Grove mais cedo.

Precisamente quando ia pegar o telefone, este tocou.

— Olá, Claude! — exclamou uma voz masculina enérgica, jovem. — Sou Peter Parsons. Sabes onde está Lola? E a propósito, como vai?

— Peter! Pelo amor de Deus! — Peter era o sobrinho de Lola. — Quando é que?...

— Estou só de passagem. Esta tarde embarco para a Inglaterra. Achei que podia ir ver a tia e talvez almoçar com ela, mas ninguém me responde. Também queria que me emprestasse uma mala. Achas que pode estar a dormir ou não ouvir o telefone?

— Não. Eu também tenho telefonado nos últimos..., bem, nos últimos dois dias. Já cheguei a pedir ao zelador do edifício que abrisse o apartamento dela, mas ainda não o fez, portanto, podias pedir-lhe também, se queres a mala. Chama-se Donovan e vive na casa ao lado à esquerda da de Lola, se estás a olhar de frente para o edifício. Vou telefonar-lhe a dizer que vais lá.

— De acordo, mas só posso lá ir às doze. Tenho que fazer umas compras.

— Oh! De qualquer maneira, vou telefonar ao superintendente. E, Peter... se a vires, diz-me qualquer coisa, ha? Estou realmente preocupado.

— Por quê?

— Porque eu também não posso me comunicar com ela!

— Está bem, te aviso qualquer coisa.



Claude deixou escapar um pequeno suspiro de alívio. Peter havia de conseguir. Era um jovem decidido e se precisava de uma mala... Claude pegou no telefone e marcou o número de Joe, que agora já sabia de memória. Joe respondeu. Claude disse-lhe que o sobrinho da Sra. Parsons chegaria ao meio-dia para levar uma mala e, por favor, poderia abrir-lhe a porta do apartamento?

— Não estarei aqui ao meio-dia — disse Joe.

— Não pode deixar a chave à sua esposa?

— Não conheço o seu sobrinho — disse Joe. — Como sei que é seu sobrinho? Não posso deixá-lo levar nada do apartamento, não Sr.!

Durante um momento, Claude pensou ir ele próprio, esperar por Peter e insistir que a porta fosse aberta; depois sentiu que não seria capaz de enfrentar uma coisa dessas. Não depois de todo esse tempo.

— Ontem pedi que entrasse no apartamento. Não o fez. Agora peço que o faça imediatamente!

— Por quê?

— Quero saber se está tudo em ordem!

— Está tudo em ordem, Sr., não houve nenhum incêndio. Não entendo por que está tão nervoso.

Claude começou a dizer alguma coisa, mas desligou violentamente.

— Zeladores — murmurou. — Não há nenhum em Nova York que mereça o salário que ganha.

O telefone tocou às onze e meia. Era Joyce, que queria marcar um encontro para essa tarde.

Claude não era capaz de pensar em sítio nenhum e Joyce sugeriu um restaurante na Oitava Avenida, perto do teatro. Quando Claude desligou, ouviu um trovão muito forte.

O seu quarto estava muito escuro. Acendeu a luz e pôs-se a andar de um lado para o outro. Às doze e trinta telefonou de novo a Joe. Joe tinha saído e a mulher desligou-lhe o telefone.

Deram as duas.

Deram as três.

A chuva continuava sem cair.

Não houve nenhuma chamada nem de Peter nem da polícia. Claude imaginou o que devia ter acontecido: Peter tocara à campainha sem ter resposta, fora procurar o superintendente e não se incomodara a telefonar-lhe. Irresponsabilidade, era o que era!

Talvez a chuva se aguentasse até depois das cinco. Se se tinha aguentado durante tanto tempo, por que não duas horas mais? Limitou-se a ficar sentado com um brandy na mão e tentou convencer-se de que não ia chover antes das seis; que Colette chamaria a polícia logo que encontrasse o corpo às cinco, que a polícia lhe diria que não tocasse em nada, e que ela não tentaria limpar o terraço antes de a polícia chegar.

Nisto houve um trovão tremendo que fez com que Claude entornasse o brandy no tapete e começou a chover. Uns segundos depois era um autêntico dilúvio e havia também um vento forte que sem dúvida derrubaria os copos altos no terraço, se não a própria mesinha. Claude engoliu saliva com dificuldade, imaginando os copos partidos, as garrafas rebolando pelo terraço e todos os centímetros quadrados da sua superfície lavados até desaparecerem as impressões digitais.

A chuva durou até depois das quatro, depois transformou-se numa chuva leve. Claude deitou-se na cama e tapou a cara com a almofada.

Deram as cinco.

Deram as cinco e meia.

Claude já ia agarrar no telefone para telefonar a Colette a casa de Lola — pensou que pareceria normal telefonar quando este se pôs a tocar. Deixou-o soar três vezes antes de levantar o auscultador e dizer com voz tranquila:

— Está?

— É Claude Merrivale?

— Sim.

— Aqui o detetive Greenley, da polícia da cidade. Poderia vir imediatamente ao apartamento de sua esposa na Rua Grove, por favor?

— S... sim. O que há? Ela está bem? Tenho estado...

— Não, não está bem. É melhor que se prepare para uma emoção forte. Foi assassinada, Sr. Merrivale. Pode vir sem demora?

Claude vestiu o seu melhor terno e saiu. Era possível que tivessem ficado ainda algumas impressões digitais no terraço, pensou, ou que houvesse algumas impressões digitais de Ralph na sala de estar. Mas agora já seria difícil estabelecer exatamente o momento da morte.

Quando Claude chegou havia quatro homens na sala de estar. O corpo de Lola estava estendido no chão no mesmo lugar onde a vira pela última vez, agora parcialmente coberto por uma manta. Colette estava afundada numa cadeira, chorando.

— Quem é o Sr.? — perguntou-lhe um policial.

— Sou o marido — disse —, Claude Merrivale. — Viu que o seu nome não causava nenhuma impressão no polícia.

Quando é que a tinha visto pela última vez? Na quinta-feira de manhã, há uma semana. Não vivia com ela? Não, estavam separados, mas tinham... pensavam voltar a viver juntos muito em breve. Fazia alguma ideia de quem a podia ter morto?

— Sei que um jovem a visitava no domingo à tarde — disse Claude. — Não consegui comunicar com a minha mulher durante toda a semana. Estava muito preocupado.

— Quem é esse jovem?

— Ralph Carpenter. É um aspirante a ator e a minha mulher dava-lhe dinheiro de vez em quando para o ajudar. Mas sei que no domingo ia dizer-lhe que não pensava dar-lhe mais dinheiro no futuro. Acho que é possível — continuou, ao mesmo tempo que se dirigia para as portas de vidro do terraço —, conhecendo Ralph como conheço, que a tenha morto num ataque de fúria.

Claude viu que o terraço era uma confusão de vidros partidos, garrafas viradas, pontas de cigarro, e que ninguém tentava procurar impressões digitais nos bocados de vidro. A cadeira de balanço estava empapada. Um detetive recolheu algumas pontas de cigarro e examinou-as.

— Todos Chesterfield — observou.

Chesterfield era a marca que Lola fumava. Naturalmente, Ralph não fumava os seus próprios cigarros, pensou Claude, se podia fumar os de outro.

— A chuva remexeu tudo — murmurou o detetive. — Ou tiveram uma zaragata aí fora. De qualquer maneira, não se pode obter nenhuma impressão digital.

— Tente — disse o seu superior na sala de estar. — Importa-se que entretanto lhe tire as suas, Sr. Merrivale?

— Claro que não. — Claude deixou que as pontas dos seus dedos fossem apertadas contra uma almofada de tinta, depois contra um papel.

O superior levou o papel até a mesa da lareira. Claude viu que uma das pulseiras de prata de Lola também estava lá. O homem verificava algo com uma lupa, comparava as impressões digitais de Claude no papel com algumas impressões marcadas com um pó branco na pulseira. Claude estremeceu. Não pensara que podia ter tocado na pulseira..., mas tinha-o feito, recordou, quando lhe tomou o pulso.

— Que tal esse polegar? — perguntou o superior.

— Coincide — disse o detetive, olhando por cima do ombro.

O outro homem virou-se para Claude.

— Senhor Merrivale, como é que explica que a impressão digital do seu polegar esteja na pulseira de sua esposa, quando disse que não a via desde quinta-feira passada à noite? A criada viu-a no sábado, não é assim, miss Colette?

Sim, m'sieur disse Colette.

Claude teve a impressão de não levar nenhuma maquiagem, nem sequer roupas. Ao diabo todos os seus álibis, todos os seus esforços para conseguir que alguém entrasse no apartamento antes que fosse tarde demais. Se não fosse a chuva, teriam tirado as impressões digitais do terraço e nunca teriam pensado em examinar as pulseiras!

— Talvez esteja disposto a falar um pouco mais na esquadra, Sr. Merrivale?

— Quando quiser — disse Claude, e endireitou os ombros. Seguiu o policial de cabeça levantada.

Mas sabia que na esquadra se derrubaria. Não podia continuar com a sua mentira sobre Ralph. Agora nunca ia conseguir nada das contas bancárias e dos rendimentos de Lola. Acabaria a sua vida como um assassino condenado. Foram as pessoas que lhe tinham falhado, a começar por Colette, depois Joyce, que não se mostrara suficientemente interessada em fazer qualquer coisa, depois todos os outros. Que gente!

— Que dizia, Sr. Merrivale? — perguntou-lhe o detetive quando se dirigiam para o carro da polícia.

Claude estivera a murmurar para si. Agora disse em voz alta, com convicção:

— Não se pode confiar em ninguém! Foi isso que eu disse! — E entrou no carro.

## Variações de um jogo



Era uma situação impossível. Penn Knowlton deu por isso logo que reparou que estava apaixonado por Ginnie Ostrander... a mulher de David Ostrander. Penn não podia se ver no papel de destruidor-de-casamentos, embora Ginnie tivesse dito que queria se divorciar de David muito antes de conhecê-lo. O problema era que David não lhe daria o divórcio. A única coisa decente que podia fazer, decidira Penn, era abandonar o assunto, partir antes que David suspeitasse de qualquer coisa. Não que se considerasse uma pessoa de sentimentos muito nobres, mas havia certas situações...

Penn dirigiu-se ao quarto de Ginnie no segundo andar da casa, bateu e a voz dela, alegre e um pouco aguda, respondeu:

— És tu, Penn? Entra.

Estava estendida numa chaise longue, a apanhar o sol, com umas calças pretas justas e uma blusa amarela, a coser um botão de uma das camisas de David.

— Não pareço doméstica? — perguntou, afastando uma madeixa de cabelo louro da testa. — Precisas que te cosa algum botão, querido? — Às vezes chamava-lhe também querido, quando David andava perto.

— Não — respondeu Penn, sorrindo, e sentou-se num tamborete.

Ela olhou para a porta para se assegurar de que não havia ninguém perto, depois franziu os lábios e beijou o ar entre os dois.

— Senti a tua falta este fim-de-semana. A que horas partem amanhã?

— David quer ir depois do almoço. É o meu último trabalho, Ginnie. É o último livro de David comigo. Vou-me embora.

— Vais-te embora? — Deixou cair a costura no regaço. -Já disseste isso também ao David?

— Não. Digo-lhe amanhã. Não percebo por que estás tão admirada. Tu és a razão disso, Ginnie. Não me parece que tenha de fazer nenhum discurso.

Ela estava a chorar. Viu as lágrimas nos seus olhos.

— Compreendo, Penn. Bem sabes que pedi o divórcio. Mas continuarei a pedi-lo. Pensarei em qualquer coisa e... De súbito estava de joelhos diante de Penn, com a cabeça entre as mãos, que as mãos dele seguravam.

Penn afastou a vista e pôs-se lentamente de pé, arrastando-a consigo.

— Provavelmente estarei por aqui ainda outras duas semanas, o tempo suficiente para que David acabe este livro... se ele me quiser tanto tempo por cá. E não tens de te preocupar. Não lhe direi por que motivo me vou embora. — A sua voz transformara-se num sussurro, embora David estivesse lá em baixo no seu escritório à prova de ruído e Penn pensasse que a criada estava na cave.

— Não me importa se lhe disseres — murmurou ela num desafio tranquilo.

— É surpreendente que não o saiba já.

— Estarás por aqui, digamos, dentro de três meses, se conseguir o divórcio? — perguntou ela.

Ele assentiu e depois, reparando que também a ele lhe começavam a arder os olhos, desatou a rir.

— Estarei por aqui um tempo horrivelmente longo. O caso é que não estou tão certo de que queiras o divórcio.

As sobrancelhas dela franziram-se, teimosas e sérias.

— Vais ver. Não quero enfurecer David. Tenho medo do seu temperamento, já te disse. Mas talvez tenha de deixar de ter medo. — Os seus olhos azuis olharam diretamente os dele. — Lembras-te desse sonho que nos contaste sobre o homem com que caminhavas numa estrada local... e que de repente desapareceu? E como o chamaste e não conseguiste encontrá-lo?

— Sim — disse ele com um sorriso.

— Gostava que tivesse acontecido realmente... com David. Gostaria que David desaparecesse de repente, este fim de semana e ficasse para sempre fora da minha vida e assim eu pudesse estar com você.

Penn achou estas palavras estranhas e terríveis. Libertou-se do seu braço.

— As pessoas não costumam desaparecer assim. Há outras maneiras. Estava prestes de acrescentar “como o divórcio”, mas não o fez.

— Quais?

— Será melhor voltar à minha máquina de escrever. Ainda tenho para outra meia hora.

Na tarde seguinte, David e Penn partiram no descapotável preto, com uma pequena mala cada um, uma máquina de escrever, o gravador e uma caixa com bifés congelados e cerveja e alguns outros produtos alimentícios. David estava de bom humor e não deixava de falar de uma ideia que tivera na outra noite para um novo livro. David Ostrander escrevia ficção científica de uma maneira tão prolífica que utilizava uma dúzia de pseudónimos. Raras vezes levava mais de um mês a escrever um livro, e trabalhava doze meses por ano. Tinha mais ideias do que as que podia usar e tinha o costume de passá-las a outros escritores nas suas reuniões das quartas-feiras à noite na Associação. David Ostrander tinha quarenta e três anos, era magro e nervoso, com um rosto de pele fina e seca sulcada por uma densa rede de finas rugas que se cruzavam, a única parte dele que revelava a sua idade e exagerava-a de tal maneira por causa das rugas que parecia ter passado todos os seus quarenta e três anos submetido aos secos e estéreis ventos dos fantásticos planetas sobre que escrevia. Ginnie tinha só vinte e quatro, recordou Penn, dois anos menos do que ele próprio. Tinha a pele lisa e suave, os lábios como as pétalas de uma papoula. Deixou de pensar nela. Irritava-o pensar nos lábios de David beijando os de Ginnie. Como podia ela ter-se casado com ele? Ou por quê? Ou havia alguma coisa no resplandecente intelecto de David, no seu humor amargo, na sua energia, que uma mulher podia chegar a achar atraente? Depois, claro, havia o fato de que David tinha dinheiro, umas receitas confortáveis, mais os lucros dos seus livros. Mas, que fazia Ginnie com ele? Belos vestidos, sim, mas por acaso David saía alguma vez com ela? Mal viam outras pessoas. Tanto quanto Penn sabia, nunca tinham feito nenhuma viagem.

— Eh, o que é que achas, Penn? O gás venenoso que emana da vegetação azul e conquista todo o teu verde até que toda a Terra perece! Diz-me... Onde é que estás hoje?

— Percebo — disse Penn sem afastar os olhos da estrada. Devo tomar nota no bloco?

— Sim. Não. Pensarei um pouco mais sobre isso. — David acendeu outro cigarro. — Tens alguma coisa na cabeça, Penn, rapaz. Do que é que se trata?

As mãos de Penn apertaram-se sobre o volante. Bem, não haveria melhor momento, pois não? Alguns uísques não ajudariam, só o tornariam um pouco mais covarde.

— David, acho que quando este livro estiver acabado, vou embora.

— Oh — disse David, sem manifestar nenhuma surpresa. Lançou uma fumaça do cigarro. — Por alguma razão em particular?

— Bem, como já te disse, quero escrever um livro próprio. Aquele sobre a Guarda Costeira. — Penn passara os seus últimos quatro anos na Guarda Costeira, e isso fora a principal razão por que David o contratara como seu secretário. David pusera um anúncio pedindo um secretário “de preferência com conhecimento em primeira mão da vida na marinha”. O primeiro livro que escrevera com David estava

ambientado na marinha... na vida na marinha no ano 2800 d. C., quando todo o planeta se havia tornado radioativo e estava despovoado exceto um submarino a propulsão nuclear e a sua tripulação. O livro de Penn baseava-se na vida real, tinha um argumento ortodoxo e acabava com uma nova de esperança. Naquele momento pareceu-lhe algo frágil e com muito poucas esperanças comparado com um livro do grande David Ostrander.

— Vou sentir sua falta — disse David por fim. — E Ginnie também. Gosta muito de você, sabe?

Na boca de outro homem, teria sido um comentário sarcástico, mas não come David. David animava-o sempre a passar mais tempo com Ginnie, a dar passeios com ela pelo bosque em volta da propriedade, a jogar tênis na quadra de terra batida atrás da casa de verão.

— Eu também vou sentir falta dos dois — disse Penn. — Quem não prefere este ambiente a um apartamento em Nova York?

— Não faça discursos, Penn. Conhecemos bem demais um ao outro. — David esfregou um lado do nariz com um indicador manchado de nicotina. — O que acha de trabalhar comigo só meio período e te deixar a maior parte do dia para que se dedicar a seu próprio trabalho? Podia ficar com toda uma ala da casa só para você.

Penn rejeitou educadamente a oferta. Queria se virar sozinho por um tempo.

Chegaram à cabana ao entardecer. Era uma casa grande de um só andar feita de troncos toscos, com uma chaminé de pedra num dos lados. Bétulas brancas e grandes pinheiros oscilavam sob a brisa de Outono. Quando desfizeram as malas e o fogo para os bifés se acendeu eram já as sete da tarde. David falava pouco, mas parecia alegre, como se a sua conversa sobre a partida de Penn não tivesse ocorrido. Tomaram dois copos cada um antes do jantar; dois era o limite de David nas noites em que trabalhava e nas que não trabalhava também, que eram raras.

David olhou para ele do outro lado da mesa de madeira.

— Disseste à Ginnie que te ias embora? Penn assentiu e engoliu saliva com esforço.

— Disse ontem. — Então desejou não ter dito isso, desejou não tê-lo dito primeiro a ela. Não era mais lógico dizer primeiro ao teu patrão? Os olhos de David pareciam estar a fazer a mesma pergunta.

— E como é que ela considerou a situação?

— Disse que lamentava ver-me partir — disse Penn num tom despreocupado e cortou outro bocado de bife.

— Oh, só isso? Tenho a certeza de que se vai sentir destroçada.

Penn sobressaltou-se como se lhe tivessem espetado uma faca nas costelas.

— Não sou cego, sabes, Penn? Sei que vocês os dois pensam que estão apaixonados.

— Ouve, David, espera um momento. Se julgas que...

— Sei o que sei, é tudo. Sei o que acontece pelas minhas costas quando estou no escritório ou quando estou na cidade nas quartas-feiras à noite nas reuniões da Associação! Os olhos de David brilhavam com um fogo azul, como as frias luzes das suas paisagens lunares.

— David, não acontece nada pelas suas costas — disse Penn com uma voz firme. — Se duvida de mim, pergunte a Ginnie.

— Ah!

— Mas acho que compreende que é melhor que eu vá embora. De fato, achei que aprovaria.

— E aprovo. — David acendeu um cigarro.

— Lamento que isto tivesse acontecido — acrescentou Penn. — Ginnie é muito jovem. Também acho que se aborrece... com a vida, não necessariamente com você.

— Obrigado! — disse David.

Penn acendeu também um cigarro. Ambos estavam agora de pé. Os pratos tinham ficado esquecidos em cima da mesa. Penn observou David mexer-se como teria observado um homem armado que a qualquer momento pudesse puxar uma pistola ou uma faca. Não confiava em David, não pudesse

prever os seus atos. A última coisa que teria previsto essa noite era uma explosão do temperamento de David, a primeira que via.

— Está bem, David. Repito que sinto muito. Mas não tens motivo nenhum para estar ressentido comigo.

— Não continues! Sei reconhecer um farsante quando o vejo!

— Se fosses do meu peso, partia-te os queixos por isto! gritou Penn e avançou para ele com os punhos crispados. As tuas palavras de hoje também já me chegam. Suponho que irás para casa e atirarás com as tuas imundícies à Ginnie. Bem, não foste tu quem começou tudo, empurrando uma jovem aborrecida e atraente e o teu secretário um para o outro, dizendo-nos que fizéssemos piqueniques juntos? Podes culpar-nos?

David murmurou algo ininteligível na direção da chaminé. Depois deu a volta e disse: — Vou dar um passeio.

Saiu, batendo com a porta com tanta força que o soalho estremeceu debaixo dos seus pés.

Automaticamente, Penn começou a retirar os pratos, a salada em que nenhum deles tocara. Tinham ligado o frigorífico e pôs cuidadosamente a manteiga numa prateleira. Não era precisamente agradável a ideia de passar ali a noite com David, mas para onde poderia ir? Estavam a dez quilômetros da povoação mais próxima e só havia um carro.

A porta abriu-se de repente e Penn quase deixou cair a cafeteira.

— Anda passear comigo — disse David. — Talvez nos faça bem aos dois. — Não sorria.

Penn voltou a colocar a cafeteira em cima do fogão. Um passeio com David era a última coisa que desejava neste mundo, mas temia recusar.

— Trouxeste a lanterna?

— Não, mas não vamos precisar. Há luar. Caminharam da porta da cabana até o carro e viraram à esquerda, até o caminho de terra batida que avançava três quilômetros pelo bosque até a estrada.

— Há uma meia-lua — disse David. — Importas-te de tentarmos uma pequena experiência? Caminha à minha frente, aqui onde há claridade e deixa-me ver como te vejo a trinta metros. Dá passos compridos e conta até trinta. Já sabes, é para esse assunto de faro.

Penn baixou a cabeça. Sim. Estavam de novo no livro e provavelmente trabalhariam um par de horas quando voltassem à cabana. Começou a contar, dando passos longos.

Vinte e oito... vinte e nove... trinta. Penn parou e esperou. Virou-se. Não podia ver David.

— Eh!... Onde estás? Nenhuma resposta.

Penn sorriu ironicamente e meteu as mãos nos bolsos.

— Podes ver-me, David?

Silêncio. Só os troncos verticais azulados do grande bosque dos dois lados do caminho. Penn retrocedeu lentamente até onde deixara David. Uma pequena brincadeira, pensou, uma brincadeira um pouco insultante. Penn decidiu não se sentir ofendido.

Começou a andar de regresso à cabana, onde estava certo de que encontraria David a passear de um lado para o outro pensativamente enquanto meditava no seu trabalho, talvez ditando já para o gravador. Mas não estava na sala principal. Não vinha nenhum som da sala do canto, onde trabalhavam, nem do quarto fechado onde David dormia. Penn acendeu um cigarro, pegou no jornal e sentou-se na única cadeira de braços. Leu com deliberada concentração, acabou o cigarro e acendeu outro. O segundo cigarro tinha-se transformado em fumo quando se pôs de pé e começou a sentir-se furioso e um pouco assustado ao mesmo tempo.

Chegou à porta e chamou algumas vezes, muito alto: “David!” Foi até o carro, chegou suficientemente perto para ver se alguém estava sentado lá dentro. Depois voltou para a cabana e revistou-a metodicamente, vendo até debaixo das camas.

Que pensava David fazer? Voltar a meio da noite e matá-lo quando estivesse a dormir? Não, aquilo era uma loucura, tão grande como qualquer das ideias de David para as suas histórias. Penn pensou de repente no seu sonho, recordou o breve mas intenso interesse de David por ele na noite em que o contara durante o jantar,

— Quem era o tipo que estava com você? — perguntara David. Mas no sonho Penn fora incapaz de identificá-lo. Era só um companheiro triste do seu passeio. — Talvez fosse eu dissera David e os seus olhos azuis brilharam. — Talvez gostasses que eu desaparecesse. — Nem ele nem Ginnie tinham feito qualquer comentário, recordava Penn, como também não tinham falado da observação de David quando ficaram sós. Isso fora havia algum tempo, mais de dois meses.

Penn afastou aquilo da cabeça. Provavelmente, David fora até o lago para estar um bocado sozinho e não tivera a amabilidade de lho dizer. Lavou os pratos, tomou um duche e meteu-se na cama. Era meia noite e dez. Tinha julgado que não ia pegar no sono, mas adormeceu em menos de dois minutos.

Os gritos roucos dos patos despertaram-no às seis e meia. Vestiu o roupão, foi à casa de banho e viu que a toalha de David, que ele metera apressadamente no toalheiro, não fora tocada. Foi ao quarto de David e bateu. Depois abriu um pouco a porta. As duas camas, uma por cima da outra, ainda estavam feitas. Lavou-se à pressa, vestiu-se e saiu.

Inspecionou o terreno de ambos os lados do caminho onde vira David pela última vez, à procura de pegadas nas agulhas úmidas de pinheiro. Foi até o lago e olhou para a margem pantanosa. Nem uma pegada, nem uma ponta de cigarro.

Gritou o nome de David três vezes e finalmente desistiu.

Às sete e meia Penn estava em Croydon. Viu um pequeno cartaz retangular entre uma barbearia e uma loja de tintas que dizia POLÍCIA. Estacionou o carro, entrou na esquadra e contou a sua história. Como esperava, a polícia quis revistar a casa. Penn levou-os lá no carro de David.

Os dois policiais que foram com ele tinham ouvido falar de David Ostrander, parece que não como escritor mas como uma das poucas pessoas que tinham uma casa de campo na zona. Penn mostrou-lhes o lugar onde vira David pela última vez e disse que o Sr. Ostrander estava fazendo uma experiência para saber como podia vê-lo a trinta metros.

— Há quanto tempo trabalha com o Sr. Ostrander?

— Quatro meses. Três meses e três semanas, para ser exato.

— Estiveram bebendo?

— Dois uísques. A quota habitual. Eu tomei o mesmo.

Depois foram até o lago e olharam em volta.

— O Sr. Ostrander é casado? — perguntou um dos homens.

— Sim. A mulher está na casa em Stonebridge, Nova York.

— Será melhor informá-la.

Na cabana não havia telefone. Penn queria ficar lá para o caso de David aparecer, mas os policiais pediram que voltasse com eles à delegacia e Penn não discutiu. Pelo menos estaria lá quando falassem com Ginnie e ele próprio poderia falar com ela. Talvez David tivesse decidido voltar a Stonebridge e já lá estivesse. A estrada estava só a três quilômetros da cabana e David podia ter apanhado um autocarro ou podia ter conseguido uma boleia. Mas Penn não era capaz de imaginar David Ostrander fazendo nada tão simples e óbvio.

— Ouçam — disse Penn aos policiais, antes de se meterem no descapotável de David. — Acho que devo dizer-lhes que o Sr. Ostrander é uma pessoa um bocado estranha. Escreve ficção científica. Não sei o que pretende, mas acho que desapareceu deliberadamente. Não me parece que fosse sequestrado ou atacado por um urso ou coisa parecida.

Os policiais olharam para ele pensativos.

— Está bem, Knowlton — disse um deles. — Conduza à nossa frente, quer?



De volta à esquadra de Croydon, telefonaram para o número que Penn lhes deu. Respondeu Hanna, a criada — Penn pôde ouvir a sua voz gritante com sotaque alemão a dois metros do telefone —, depois veio Ginnie. O agente informou-a de que David Ostrander tinha sido dado como desaparecido a partir das 10 da noite anterior e perguntou-lhe se tivera alguma notícia dele. A voz de Ginnie, após a primeira exclamação que Penn ouviu, soou alarmada. O agente olhou para Penn quanto escutava.

— Sim... Realmente?... Não, nada de sangue. Nenhum indício até agora. Precisamente por isso lhe telefonamos. Uma longa pausa. O agente bateu repetidamente com suavidade com o lápis sobre a mesa, mas não escreveu nada. Compreendo... Compreendo... Está bem, telefonamos-lhe, Sra. Ostrander.

— Posso falar com ela? — Penn estendeu a mão para o telefone.

O capitão hesitou, mas depois disse:

— Adeus, Sra. Ostrander — e desligou. — Bem, Knowlton... está preparado para jurar que a história que nos contou é verdadeira?

— Absolutamente.

— Porque acabamos de saber de um motivo para supor outra coisa. Um motivo para querer afastar o Sr. Ostrander. Agora, o que é que lhe fez... ou melhor, o que disse? — O agente inclinou-se para a frente com as mãos apoiadas na mesa.

— O que Ginnie lhes disse?

— Que você está apaixonado por ela e que talvez desejasse afastar o marido do caminho.

Penn tentou manter a calma.

— Precisamente, ia deixar o meu trabalho para sair desta situação! Ontem disse ao Sr. Ostrander que ia embora e tinha dito o mesmo à mulher um dia antes.

— Assim, admite que havia uma situação.

Os policiais, quatro agora, olhavam para ele com clara incredibilidade.

— A Sra. Ostrander está alterada — disse Penn. — Não sabe o que diz. Posso falar com ela, por favor? Agora?

— Vai vê-la quando chegar. — O agente sentou-se e pegou numa caneta. — Knowlton, sinto muito, mas temos de o deter como suspeito.

Interrogaram-no até a uma da tarde, depois trouxeram-lhe um hambúrguer e um copo de papel com café aguado. Perguntaram-lhe constantemente se na cabana havia alguma pistola e se não carregara com o corpo de David e não o tinha atirado ao lago juntamente com a arma.

— Esta manhã percorremos o lago — disse Penn. — Viram pegadas em qualquer parte?

Já lhes tinha falado do seu sonho e sugerido que David Ostrander estava tentando torná-lo realidade — uma ideia que despertou sorrisos incrédulos —, e que tinha contado ao escritor o que acontecia com Ginnie e as suas intenções a respeito dela, que eram nulas. Não acrescentou que Ginnie lhe dissera que ela também estava apaixonada por ele, devido ao que ela dissera a seu respeito.

Mergulharam no seu passado. Sem antecedentes policiais. Nascido em Raleigh, Virgínia, formado em Jornalismo pela Universidade do Estado, trabalho num jornal de Baltimore durante um ano, depois quatro anos na Guarda Costeira. Uma boa ficha e nisso a polícia pareceu acreditar. Pareciam duvidar do período com os Ostrander especificamente. Estava apaixonado pela Sra. Ostrander e apesar de tudo ia deixar o emprego? Não tinha nenhum plano sobre ela?

— Perguntem a ela — respondeu Penn, cansado.

— Perguntaremos — respondeu o agente chamado Mac.

— Ela também sabe do sonho e das perguntas que o marido me fez — explicou Penn. —

Perguntem em particular, se duvidam de mim.

— Veremos, Knowlton — disse Mac. — Não nos preocupamos com sonhos. Queremos fatos.

Ginnie chegou pouco depois das três. Ao avistá-la brevemente através das grades da cela onde o tinham metido, Penn suspirou de alívio. Parecia tranquila, perfeitamente Sra. de si.

A polícia levou-a para outra sala durante uns dez minutos, depois vieram abrir a porta da cela.. Quando chegou perto dela, Ginnie olhou para ele com uma hostilidade ou um medo que foi como se lhe dessem um pontapé na boca do estômago. Dominou o “Olá, Ginnie” que queria dizer.

— Quer repetir o que ele lhe disse antes de ontem, Sra. Ostrander? — perguntou Mac.

— Sim. Disse: “Gostava que David desaparecesse como no meu sonho. Gostava que ele estivesse fora da tua vida para poder estar sozinho com você.”

Penn olhou para ela.

— Ginnie... quem disse isso foste tu.

— Acho que o que queremos saber de si, Knowlton, é o que fez ao marido dela — disse Mac.

— Ginnie — disse Penn desesperadamente —, não sei por que estás a dizer isso. Posso repetir todas as palavras da conversa que tivemos essa tarde, começando quando eu disse que queria ir-me embora. Com isso pelo menos estarás de acordo?

— Se o meu marido o despediu... devido às suas atenções por mim! — Ginnie olhou para Penn e para os homens à sua volta.

Penn sentiu pânico, uma náusea dominá-lo. Ginnie parecia louca... ou como uma mulher segura de estar olhando para o assassino do marido. Pela sua mente passou como um relâmpago a sua surpreendente frialdade quando, uma vez que a beijou, David, por uma infeliz casualidade, deu umas pancadinhas na porta e entrou. Ginnie não se tinha alterado nem um cabelo. Parece que era uma atriz nata e nesse momento estava a representar.

— Isso é uma mentira e sabe muito bem — disse Penn.

— E é uma mentira o que o Sr. lhe disse de querer ver-se livre do marido? — perguntou Mac.

— A Sra. Ostrander disse isso, não eu — respondeu Penn, sentindo de repente os joelhos fracos.

— Era por isso que me ia embora. Não queria interferir num casamento que...

Sorrisos dos policiais que ouviam.

— O meu marido e eu estávamos muito apaixonados. Então Ginnie baixou a cabeça e cedeu ao que pareciam as lágrimas mais sinceras do mundo.

Penn virou-se para a secretária.

— Muito bem, levem-me para a cela. Terei o maior prazer em ficar lá até que David Ostrander apareça... porque aposto a minha vida que não está morto.

Penn apertou as palmas das mãos contra a parede fria da cela. Sabia que Ginnie saíra da esquadra, mas essa era a única circunstância externa de que era consciente.

Uma mulher estranha, a Ginnie. No fim de contas, estava louca por David. Devia adorá-lo pelo seu talento, pela sua disciplina, por todas as coisas que ela não tinha... e por amá-la. Quem era ela no fim de contas? Uma moça bem parecida que não tivera êxito como atriz (até agora), sem suficientes recursos internos, como se dizia, para se divertir enquanto o marido trabalhava doze horas por dia, de maneira que começara a namoriscar o secretário. Penn recordava que Ginnie lhe dissera que o motorista se tinha ido embora havia cinco meses. Não tinham contratado outro. Penn perguntava se o motorista não se teria ido embora pela mesma razão por que ele estivera prestes a fazê-lo. Ou teria sido despedido por David? Agora Penn não se atrevia a acreditar em nada do que Ginnie contara.

Um pensamento que parecia um pesadelo passou pela sua mente: suponhamos que na realidade Ginnie não amava David e que se detivera no seu caminho para Croydon ou encontrara David na cabana e o tinha morto. Ou se o tinha encontrado no terreno, nos bosques, lhe dera um tiro e o deixara para que fosse encontrado mais tarde, a fim de poder atirar com todas as culpas para cima dele? A fim de se ver livre de David e também dele? Haveria até uma pistola em Stonebridge para que Ginnie a levasse?

Penn ouviu ruído de passos e pôs-se de pé.

Mac parou diante da sua cela.

— Está a dizer-nos a verdade, Knowlton? — perguntou, um pouco duvidoso.

— Sim.

— Então... o pior que pode acontecer-lhe é ficar aqui um par de dias até que Ostrander volte a aparecer.

— Espero que andem à procura dele.

— Estamos a fazê-lo: por todo o estado, e mais longe se for preciso. — Ia-se embora, mas depois virou-se. — Acho que vou dizer que lhe ponham uma lâmpada mais forte e trago-lhe qualquer coisa para ler, se você tiver paciência para isso.

Na manhã seguinte não houve notícias. Depois, por volta das quatro da tarde, um policial foi abrir a cela de Penn.

— O que há?

— Ostrander apareceu na sua casa em Stonebridge — disse o homem, com um vestígio de sorriso.

Penn sorriu também, levemente. Seguiu-o até a mesa na parte da frente.

Mac fez um gesto de saudação com a cabeça.

— Acabamos de telefonar para casa do Sr. Ostrander. Chegou há meia hora. Disse que resolveu dar um passeio para pensar e não consegue entender como surgiu essa confusão toda.

A mão de Penn tremia quando assinou seu papel de libertação. Temia voltar à cabana para recolher suas coisas, depois os inevitáveis poucos minutos na casa de Stonebridge enquanto fazia a mala.

O conversível de David estava estacionado na curva onde Penn o deixara na véspera. Subiu e foi para a cabana. Ao chegar, meteu as suas coisas na mala e fechou-a, depois começou a levar tudo juntamente com o gravador para o carro mas, depois de pensar melhor, resolveu deixar este último. Como podia ele saber o que David queria fazer com todo aquele material?

Enquanto conduzia para o sul, para Stonebridge, Penn reparou que não sabia o que sentia e como havia de comportar-se. Ginnie: não valia a pena dizer nada, nem se enfurecer, nem perguntar por quê. David: seria muito difícil resistir à tentação de dizer: “Espero que tenha se divertido com sua pequena brincadeira. Pensa fazer disso uma novela?” O pé de Penn pisou no acelerador, depois controlou bruscamente a velocidade. “Não perca a calma”, pensou. “Recolha simplesmente suas coisas e dê o fora.”

As luzes estavam acesas nas janelas da esquina de baixo, onde era a sala de estar, e também no quarto de Ginnie, em cima. Eram mais ou menos nove horas. Deviam ter jantado e às vezes ficavam sentados um pouco na sala tomando café, mas normalmente David ia trabalhar para o escritório. Dali Penn não podia ver a janela do escritório de David. Tocou a campainha.

Hanna abriu a porta.

— Senhor Knowlton! — exclamou ela. — Disseram que tinha ido embora definitivamente!

— Sim — respondeu Penn. — Só vim buscar minhas coisas.

Entre! Eles estão na sala. Vou avisar que chegou. — Desapareceu antes que a pudesse impedir.

Penn seguiu-a pelo amplo vestíbulo. Queria deitar uma olhadela a David, só uma olhadela. Parou junto da porta da sala de estar. David e Ginnie estavam sentados muito juntos no sofá, virados para ele, com o braço de David no respaldar. Quando Hanna lhes disse que Penn estava ali, David deixou cair o braço de maneira que rodeasse a cintura de Ginnie. Esta não teve qualquer reação. Limitou-se a chupar o seu cigarro.

— Entre, Penn! — disse David com um sorriso. — Por que está de repente tão tímido?

— Por nada. — Penn estava de pé no limiar. — Vim buscar minhas coisas, se puder.

— Se puder? — troçou David. — Claro que sim, Penn!

Levantou-se, agora segurando a mão de Ginnie, como se quisesse mostrar como estavam afetuosos.

— Diz-lhe que leve as suas coisas e desapareça — disse Ginnie, esmagando o cigarro no cinzeiro.

O seu tom não era furioso, era mesmo amável. Mas tinha bebido alguns copos.

David avançou para Penn exibindo um amplo sorriso no seu rosto fino cheio de rugas.

— Vou com você. Talvez possa ajudar.

Penn voltou-se rigidamente e dirigiu-se para o seu quarto, que era no fim do corredor, num canto traseiro da casa. Abriu a porta e entrou, tirou uma mala grande do fundo de um armário e começou por uma gaveta da cômoda, meias e pijamas. Estava consciente de que David o observava com um sorriso divertido. O sorriso era como as garras de um animal nas suas costas.

— Onde é que se escondeu essa noite, David?

— Esconder? Em lugar nenhum! — David soltou uma risada escarninha. — Só fui dar um pequeno passeio e não te respondi. Estava interessado em ver o que aconteceria. Acho que realmente sabia o que ia acontecer. Tudo correu como eu tinha previsto.

— Que queres dizer? — As mãos de Penn tremeram quando abriu a gaveta de cima.

— Refiro-me a Ginnie — disse David. — Sabia que ela se voltaria contra ti e viria para mim. Já aconteceu antes, sabe? Você foi um idiota ao pensar que, se esperasse, ela se divorciaria de mim e iria para você. Um perfeito idiota!

Penn virou-se bruscamente, com as mãos cheias de camisas dobradas,

— Ouve, David. Eu não esperava Ginnie. Ia abandonar tudo isto...

— Não me digas isso, velhaco! Nas costas do teu patrão!

Penn atirou com as camisas para dentro da mala.

— Queres dizer que já aconteceu antes?

— com o nosso último motorista. E com a minha última secretária também. Contratei uma mulher, sabes? Mas Ginnie gosta destes pequenos dramas. Servem para nos unir e impedem que se aborreça. O teu sonho proporcionou-me uma esplêndida ideia para este. E nem imaginas como a Ginnie está afetuosa comigo agora. Pensa que tu és um papalvo com esperança de um prêmio em concurso. — David desatou a rir e levou o cigarro aos lábios.

Um segundo mais tarde, Penn aplicava na mandíbula de David o soco mais forte que alguma vez deu na sua vida. Os pés de David voaram atrás do corpo e a cabeça foi bater contra uma parede a dois metros de distância.

Penn meteu o resto das suas coisas na mala e fechou-a com tanta fúria como se ainda estivesse a lutar com David. Tirou a mala de cima da cama e virou-se para a porta.

Ginnie bloqueou-lhe o caminho.

— O que é que lhe fizeste?

— Não tanto como gostaria de fazer.

Ginnie correu até David e Penn virou-se para a porta. Hanna acorria, vinda do vestíbulo.

— Aconteceu alguma coisa, Sr. Knowlton?

— Nada de grave. Adeus, Hanna — disse Penn, tentando controlar a sua voz rouca. — E obrigado — acrescentou a caminho da porta da rua.

— Está morto! — exclamou Ginnie com um gemido.

Hanna corria para o quarto. Penn hesitou, depois continuou na direção da porta. A pequena mentirosa! Qualquer coisa por uma cena dramática!

— Detenham-no! — guinchou Ginnie. — Hanna, ele vai a fugir.

Penn deixou a mala no chão e voltou para trás. Levantaria

David com um puxão e meter-lhe-ia a cabeça debaixo da torneira.

Hanna estava de pé ao lado de David, com o rosto congestionado, prestes a chorar.

— Sim..., sim, está morto, Sr. Knowlton.

Penn inclinou-se para o erguer, mas a sua mão deteve-se antes de lhe tocar. Algo brilhante saía da garganta de David e Penn soube logo do que se tratava... era o cabo da sua própria faca de papel, que se tinha esquecido de levar.

Uma risada longa, louca — ou talvez fosse um sorriso veio de Ginnie, atrás dele.

— Você um monstro! Suponho que apagaste todas as tuas impressões digitais do cabo! Mas não te servirá de nada, Penn! Hanna, chame imediatamente a polícia! Diga que acaba de acontecer um assassinato!

Hanna olhou para ela horrorizada.

— vou telefonar, Sra.. Mas foi a Sra. quem limpou o cabo. Estava a limpá-lo com a saia quando entrei.

Penn olhou para Ginnie: ainda não tinham acabado um com o outro.

# Uma segurança em números



Planejaram, programaram para um certo fim de semana em outubro que coincidia com o fim-de-semana de aniversário de Laura, já que o seu aniversário calhava na sexta-feira. Laura, a sua irmã Mary, que era intérprete nas Nações Unidas em Manhattan, e o seu irmão Joel, um médico, visitariam o pai Gordon Sommersby, e fá-lo-iam. Já tinham falado disso antes, claro, por graça, há alguns anos. Finalmente, este Verão, tinham-no discutido seriamente, com olhares rápidos e ansiosos entre eles: estaria cada um deles sério, ou talvez hesitante, é quando chegasse a hora recuar, ou chegaria mesmo a denunciar os seus irmãos? A seriedade prevaleceu. Eles apertaram até as mãos, espontaneamente. Não seria, não poderia ser dito que qualquer deles tivesse sido o instigador. O pai era detestado pelos três. Era como um ogro num conto de fadas, desagradável, autoritário e avarento também, incrivelmente avarento.

Juntos, escolheram dar-lhe um empurrão fatal pelas escadas abaixo. Era o acidente mais provável na casa de campo de dois andares, e muito mais simples do que preparar um acidente de viação no qual Gordon poderia ser empurrado para um penhasco — havia alguns nos arredores, mas que confusão com carros e possíveis testemunhas!

O que os incitou foram recordações do egoísmo do seu pai no passado, o seu tratamento desumano para com a mãe deles. Ele recusara-se até a emprestar um ancinho a um vizinho na estação folhosa do Outono, e os filhos recordavam da sua adolescência a expressão espantada na face do vizinho. Gordon nunca fora bom a fazer amigos junto dos vizinhos, ou de quem quer que fosse. O fato era que ninguém gostava dele. Mas ele tinha os três filhos, Laura, Joel e Mary, lembrava-se dos seus aniversários e ordenava que fossem regularmente a sua casa em Hatterstown, Nova York, nos aniversários deles e no seu, e no Natal. Mary era casada, mas ainda não tinha filhos, o seu marido não gostava de Gordon, pelo que ela nem sempre tomava parte no jantar de Natal em casa dele. Os outros dois fugiam a estes acontecimentos tão frequentemente quanto se atreviam. Tinham de manter uma fachada de respeito pelo pai, achavam, apesar de a questão ser face a quem mantinham eles, ou tentavam manter, essa fachada.

Os três apareceram então em casa do pai em Hatterstown nessa sexta-feira à tarde em Outubro, separadamente, já que apenas Joel tinha carro e o usava, ao passo que as duas irmãs, vindo ambas no mesmo comboio proveniente de Penn Station, por acaso, não se encontraram até descerem em Hatterstown. O caminho a pé era curto e agradável, subindo umas escadas, passando por uma estrada de campo até a casa do pai.

— Olá, pai, chegamos! — gritou Mary da entrada. Ela tinha uma chave e usara-a, depois de pancadas no puxador da porta, de bronze e em forma de macaco, não terem tido resposta.

— Olá, Mary! É você? — chamou a voz de Gordon, vinda do andar de cima. — Desço num minuto!

Mary e Laura trocaram sorrisos maliciosos, do gênero dos que haviam trocado em vários outros fins-de-semana antes daquele, como que dizendo: “Vamos fazer o nosso melhor e esperar que tudo corra bem, desta vez.” O “desço num minuto” do pai delas significava geralmente pelo menos dez, porque ele

vestia por vezes uma camisa lavada, e trocava as calças de ganga por outras calças. As duas irmãs cumprimentaram Ada, que se atarefava na cozinha (ela estava com a misturadora ligada, disse, e não as ouvira bater, mas a verdade é que ela estava a ficar bastante surda), e subiram aos respetivos quartos para abrir malas feitas para uma noite e lavar as mãos. Havia dois banheiros no andar de cima, ambos dando para o corredor principal.

Gordon era um tirano, pensou Laura enquanto passava rapidamente um pente pelo seu cabelo castanho. Podia sondar a “negligência” deles com ele, mesmo na mesa, após um bom jantar e apenas uma pequena quantidade de vinho. O pai deles tinha agora sessenta e quatro anos e coxeava devido a um encontro com um urso no Canadá, urso que matara por fim. Mais do que uma vez, os irmãos tinham desejado que o urso tivesse levado a melhor. Gordon Sommersby tinha fundado a Companhia de Papel Gordian, que precisava da madeira do Canadá, estava sediada a norte do estado de Nova York e fizera dele um milionário antes dos quarenta. Não havia sinais de abastança na atual existência dos filhos, nem houvera alguma vez, e poucos havia na propriedade de três hectares de Hatterstown, apesar de Gordon ter um jardineiro em part-time e uma empregada doméstica e cozinheira, Ada, que tinha folga aos sábados e domingos, não dormia lá, e vivia na aldeia. O que fazia Gordon ao seu dinheiro? Investia, e ganhava mais e mais. O irmão e irmãs supunham ter direito a alguma coisa pela morte do pai, mas exatamente quanto, não sabiam.

Joel dissera uma vez, gracejando:

— Pode ser só um dólar para cada um, sabem, para se ver livre de nós legalmente. Já ouvi falar nisso.

E as irmãs dobraram-se de riso apreciativo. Isso seria mesmo do pai deles!

Mas o desejo por dinheiro não era a sua motivação. Eles ressentiam-se das exigências do seu pai, que consideravam ou sentimentais ou egoístas — tais como fazerem-nos sentir-se culpados se não o visitassem no Dia de Ação de Graças, ou no Natal. Mais do que tudo, ressentiam o que Gordon fizera à sua bem intencionada mãe, que tanto se sacrificara nomeadamente, tê-la feito trabalhar até a uma morte prematura. Laura lembrava-se de ouvir da sua mãe que Gordon (eles não gostavam de lhe chamar pai) não a tinha acompanhado ao hospital quando ela estava prestes a dar Laura à luz, porque ele tinha tido “um compromisso de negócios. Os homens lá têm o seu trabalho, sabes”, acrescentara a mãe, tolerantemente, com um sorriso dirigido a Laura. Ela tomara, então, um táxi para o hospital. Julia, a mãe deles, não fora apenas esposa, mãe, empregada doméstica e cozinheira, mas aprendera também a conduzir, para que pudesse ser a motorista não remunerada de Gordon, a dominar a máquina de costura (apesar de não gostar de costura), a fazer reparações eléctricas, de novo para poupar dinheiro, e também (com a ajuda dos proverbiais panfletos de ofuscação do governo) a preencher as declarações de impostos para Gordon. Tudo isso tivera o seu peso sobre a mãe. Gordon não admitira quaisquer luxos enquanto enterrava cada centavo de lucro novamente no negócio do papel.

Fora então que, num ataque de impaciência, de economia ou de ambos, ele mandou abater o gato da família, Tomkins. Gordon não quisera pagar uma operação aos intestinos que o veterinário dissera não ser grave, já que a obstrução se devia a uma bola de pelo. A súbita ausência de Tomkins, um gato branco com marcas malhadas de preto, tivera um forte impacto em Joel, Laura e Mary quando estavam entre as idades de dez e catorze anos. Uma fotografia a preto e branco e quase em tamanho natural de Tomkins erguia-se ainda no topo de uma estante de livros à entrada, um retrato realmente bonito da cabeça e pescoço de um gato. A mãe deles tinha tirado a fotografia e orgulhava-se bastante dela. Laura não mencionou Tomkins, mas viu que a irmã lhe deitava um olhar demorado.

— Estamos lá em baixo, pai! — gritou Laura para a porta fechada.

Joel acabara de chegar, a porta tinha sido aberta por Ada.

— Olá, meninas, como estão as coisas? — perguntou Joel, sorrindo. — Laura? Para você. — Estendeu-lhe uma caixa quadrada de listras verdes e brancas, retirada de um saco de compras.

— Joel, você um amor! — disse Laura. — Parece caro.

— Não é — disse Joel abanando a cabeça inexpressiva. Tinha cabelo escuro e liso e óculos de aros redondos.

Eram 19h35. Ada empurrou o carrinho das bebidas para perto do sofá. Às vezes, eles tomavam bebidas, outras vezes não. Gordon gostava de vinho ao jantar e ficava por aí, já que o seu médico (que não era Joel) o avisara sobre tensão alta ou excesso de peso ou algo desse gênero.

— E isto da minha parte — disse Mary. Da sua grande mala, retirou um embrulho coberto de papel azul. — Parabéns, Laura!

— Obrigada aos dois — disse Laura, deliciada e, ao mesmo tempo, um pouco nervosa. — Quando abro?

— Oh, esperamos pelo Gordon — disse Joel, e caminhou em direção ao carrinho das bebidas. — Alguém quer xerez?

As duas mulheres riram. Laura queria uísque com água, Mary um gin-tônica. Joel serviu um pequeno copo de bourbon para si próprio. Nenhum deles bebera ainda um gole quando ouviram o seu pai descendo as escadas.

Gordon agarrava firmemente o corrimão das escadas, favorecendo a sua perna esquerda.

— Olá... meninos! ... Bem, estamos todos aqui!

— Olá... pai! — disse Joel, e esse cumprimento foi imitado pelas irmãs, uma das quais acrescentou:

— É bom estar aqui outra vez.

Gordon desceu o último degrau com alguma rigidez e com uma expressão agradável que parecia propositada.

— Parabéns, Laura!

— Obrigada... pai.

— O teu presente não está cá. Encomendei-o mas não chegou. Papel de carta. Desculpa — disse Gordon.

Laura sorriu.

— A intenção é que conta... Um copo de vinho, pai? Gordon aceitou.

Ada trouxe azeitonas pretas e anchovas. Ergueram os copos.

— À Laura. Que contes muitos!

Vista pelo canto do olho de Laura, a anafada figura do pai (agora sentado no sofá) inspirava-lhe apenas desagrado, um desejo de que ele não estivesse ali. Na verdade, o seu sentimento era uma antipatia ainda mais forte: se Gordon não estivesse ali, se ele tivesse morrido primeiro, a sua alegre e encantadora mãe talvez estivesse com eles.

— Uma ideia! — exclamou Laura. — Vamos pelo menos recordar a nossa mãe esta noite... a nossa mãe que nos fez a todos!

Mary levantou-se da cadeira. Joel estava ainda de pé. Gordon não se mexeu, mas disse, dando um risinho:

— Também tive alguma coisa a ver com isso, mas aqui vai, à Julia.

Beberam.

Depois, a abertura dos presentes. A prenda de Joel era uma taça de prata para mostarda com uma pequena colher de prata a acompanhar.

— Elegante — disse Laura, verdadeiramente impressionada, e deu um beijo na face ao seu irmão. — Obrigada, querido Joel.

Depois, o presente de Mary, um livro. Era a biografia de um homem de estado que Laura tinha dito, semanas antes, que gostaria de comprar a si própria. Laura era jornalista free-lancer.

— Lembreste-te, Mary. Obrigada.



Exteriormente, todos pareciam felizes. O jantar correu bem, já que os filhos tinham sido educados para “serem agradáveis às horas das refeições, fosse como fosse”. Ada estava, como de costume, amigável e respeitadora, respondendo com gentileza quando lhe falavam e servindo os três pratos na perfeição. Tinha pouco mais do que cinquenta anos e trabalhava para Gordon havia cerca de cinco.

— E como vão os negócios... de todos vocês? — perguntou Gordon cordialmente durante a sobremesa. -Tu, Joel... tens salvado algumas vidas ultimamente?

Joel deitou um olhar divertido às irmãs.

— Por acaso... Obrigado por perguntares, pai. Eu... sim, tomei a decisão certa nos Cuidados Intensivos, no outro dia. Um caso de Parkinson que teve um colapso, mas interno, não teve nada a ver com Parkinson... não diretamente, pelo menos.

— Continua — pediu Gordon, que se interessava por assuntos médicos. Ele não estava com os óculos habituais, o que dava aos seus olhos um aspeto cinzento e nu. Os olhos eram emoldurados por sobrancelhas grisalhas e, em baixo, por olheiras enrugadas. A cara de Gordon era robusta, serena, mas ele nunca fora atraente. A camisa de lã, mesmo com uma larga gravata verde, pouco fazia para lhe dar um aspeto apresentável. Gordon nunca ligou para roupas.

— Não posso — disse finalmente Joel, olhando o seu pai nos olhos. — É demasiado complicado, mas o sujeito safou-se desta. Quanto à próxima, não sei.

Nos segundos seguintes, Laura intuiu que o seu pai poderia estar a pensar na luta com o urso, alguns vinte anos antes. E a sua irmã Mary, alcançando o pé do seu copo de vinho, poderia estar a pensar na morte no dia seguinte, numa hora qualquer, naquelas escadas.

— E o que queres dizer com “a próxima”? — perguntou Gordon, o seu lábio inferior cheio e rosado parecendo ainda mais vermelho agora, com o efeito de uma boa refeição e talvez do próprio vinho.

— Bem, todos nós temos uma próxima — disse Joel. — E por fim, uma última. Até tu e eu terminou ele, com um sorriso.

— É verdade — disse Mary.

Laura olhou a sua irmã, cuja figura delgada se sentava ereta, a cabeça de cabelo castanho embelezada por pequenos brincos de prata. Mary estava sentada onde a sua mãe se sentara sempre, o que a punha no lado oposto ao de Gordon, ao passo que ela e Joel estavam sentados nos seus lugares habituais, Joel à direita do pai. Laura imaginou a sua mãe sentada onde sempre se sentara, ouvindo-os, provavelmente apercebendo-se de algo diferente no ambiente desta noite. A mãe tinha sido amável e capaz de sorrir mesmo nos momentos de cansaço, mas era também sensível aos humores, intuitiva quanto a ações futuras. Laura pensou de repente que também o pai poderia estar a suspeitar de algo. Estariam os olhos dele um pouco mais agudos e perspicazes nessa noite, ou seria apenas a sua imaginação?

Café na sala de estar. Joel não bebia café à noite, mas os outros faziam-no. Laura sentou-se no sofá, encostando-se a uma almofada cujo forro, que tinha um fecho de correr bem escondido, fora bordado pela sua mãe, o belo desenho de uma flor azul e rosa.

Respondendo a uma pergunta do pai, Mary estava a falar da semana que tinha tido nas Nações Unidas, os seus olhos brilhantes olhando ocasionalmente para Laura, divertidos.

— E então o francês, que a esta altura já estava a ficar impaciente...

Laura pensava na mãe, naquela última doença que se abatera sobre ela, aqui, neste terreno, nesta casa. Ela tinha estado a escavar a neve, para que o pai deles pudesse tirar o carro do quintal na manhã seguinte — ou melhor, para que ela o pudesse tirar com Gordon no lugar do passageiro. A neve estava ainda a cair, lembrou-se ela de ter ouvido alguém dizer. Laura e os irmãos estavam fora de casa, na escola. E Gordon estava ocupado ao telefone. Negócios em Nova York? Negócios em qualquer parte. Não poderia ter pedido um táxi para a manhã seguinte, ou ligado as luzes do quintal e escavado ele

próprio a neve, fosse qual fosse a hora? Mas não, tinha de ser a pequena Julia a escavá-la. Já tinha uma gripe, de qualquer modo, e o escavar na neve fê-la passar a bronquite, e por fim, a pneumonia. Os antibióticos simplesmente não serviram, como se ela tivesse despendido a última réstia das suas provisões ao debater-se com a neve que Gordon não podia ter contratado um homem para limpar. Laura recordou a expressão ansiosa e preocupada do seu pai, quando se inclinou sobre a sua mãe no hospital, e imaginou-o a pensar: “É desta que ela se vai. A minha criada, a minha ajudante... a minha escrava.” Mas Gordon nunca admitiria tê-la usado como uma escrava, oh não. Quando é que atacariam Gordon, pensou Laura. Amanhã depois do almoço, quando ele subir as escadas, para ir descansar? Ela ainda não tivera uma oportunidade para estar a sós com Joel e Mary, para acertar a hora ou decidir um sinal.

— Uma partida de xadrez, Joel? — perguntou Gordon. Joel deu um pequeno suspiro.

— Acho que não, pai, se não te importas. Tive um dia comprido... Talvez amanhã.

Laura observou-os aos três: Joel, agora levantado, provavelmente preparando-se para dar as boas-noites, o pai deles imóvel na poltrona grande à direita da lareira, com a sua boa vista para a tela da televisão, à esquerda do sofá. Fez-se silêncio. Laura pousou a sua xícara sobre a mesinha da sala. Já todos se tinham despedido de Ada há meia hora. Despediram-se e agradeceram, na verdade, já que Ada só regressaria na segunda-feira de manhã, e eles três tencionavam partir ao fim da tarde de domingo, ou pelo menos foi o que lhe disseram.

— Bem... — Gordon levantou-se e empurrou com o polegar a camisola de lã para debaixo do cinto. — Foi uma noite interessante. — O comentário foi frio.

Joel e Laura trocaram um olhar. Depois, Joel disse:

— Ainda bem que achaste. Foi um bom jantar. Obrigado, pai. Ou obrigado, Ada.

— Sim, devíamos agradecer à Ada — exclamou Mary. Aliás, agradecemos.

Gordon encaminhou-se para a escadaria e voltou-se para trás mesmo antes de a alcançar.

— Já agora, eu... eu sei o que vocês os três estão a pensar hoje. — Longa pausa. — Portanto não pensem que eu não sei.

— Acenou com a cabeça, como a corroborar a sua própria afirmação.

Foi Mary quem falou primeiro.

— A pensar?

Gordon acenou novamente.

— Sim.

Voltou-se e começou a subir as escadas.

Laura levantou-se. Mary já estava de pé. Algo exato e com a resolução de uma pedra tocou-os ao mesmo tempo, e isto na altura em que Gordon já ia a meio das escadas. É agora, era a mensagem. Agora ou nunca, e por isso, pedia-se ação. Laura pôs-se em movimento primeiro, para alguma surpresa dos seus irmãos. Caminhou simplesmente com rapidez até a escada, passou às pressas pelo pai, que ainda não atingira os degraus de cima, e Joel e Mary apareceram logo atrás dela.

— O que é isto? — bradou Gordon, surpreendido e definitivamente zangado.

com os pés firmemente assentes no andar de cima da escada, Laura deu ao pai um empurrão no peito. Joel e Mary estavam suficiente próximos para ajudar à sua queda — pelo menos, Joel estava — com uma pancada, como a de um lutador de boxe, no ombro de Gordon. A tentativa de Mary falhou.

Gordon caiu voando, chegou a estar no ar de cabeça para baixo, por um momento. Depois ouviu-se um enorme baque, e Gordon ficou deitado, imóvel, no chão lá em baixo.

As duas mulheres olharam para o irmão, cujos olhos estavam fixos no pai: afinal de contas, Joel era médico. Joel desceu as escadas. Dobrou-se e procurou sentir a pulsação no pulso esquerdo do pai. Levou vários segundos a fazê-lo.

— Está morto — disse. Olhou para cima, para as suas irmãs. — Morto... sim.

Laura expirou a sua respiração suspensa. Depois, desceu as escadas.

— Devíamos chamar a polícia, não devíamos? — perguntou Mary. — Ou o hospital?

— Os dois, Joel? — perguntou Laura.

Murmúrios, todos falando ao mesmo tempo, mas calmamente, como se fosse a coisa mais natural do mundo que o seu pai estivesse ali morto, deitado no hall, como se tivesse caído por acidente. Era essa história, afinal de contas, que tinham de manter.

Em cinco minutos, a polícia chegou, logo seguida por uma ambulância branca.

— Ele caiu de costas. Estava quase no degrau de cima disse Joel.

Um dos membros da equipa de paramédicos disse que o pescoço dele estava partido. Um pouco de sangue escorrera de um corte na nuca. A polícia perguntou aos três se o tinham visto cair, e a resposta foi sim. Não perguntaram se o tinham visto tropeçar: afinal, Gordon Sommersby já passava dos sessenta anos e coxeava, algo que Mary, Joel, Laura e Ada poderiam afirmar, tal como qualquer pessoa daquela área que alguma vez o tivesse visto a andar. Era bem possível que a sua perna esquerda o tivesse traído de repente. Laura sabia que havia uma longa cicatriz ao longo da perna esquerda dele.

Ada telefonou. Ela ouvira e vira a ambulância passar pela sua casa em grande velocidade e quis saber se estava tudo bem lá por casa. Laura, que atendeu, disse-lhe que não estava, que Mr. Sommersby caíra pelas escadas abaixo e morrera. Não, a ajuda de Ada não era necessária de momento, mas eles entrariam provavelmente em contato com ela no dia seguinte, e agradeceu-lhe.

— Que notícias horríveis — disse Ada.

— Sim — concordou Laura. — Sim.

O policial, que parecia conhecer Gordon Sommersby, pelo menos de vista e de nome, anotou os nomes e moradas de Joel e das suas irmãs. Disse que o corpo do pai deles teria de ir para a necrotério da polícia de uma cidade vizinha, que era maior do que a de Hatterstown.

— É rotina, para o médico legista — disse o agente.

— E quando é que podemos avisar a agência funerária? perguntou Laura. Eles conheceriam sequer alguma, ali nas redondezas? Ela achava que não.

O agente disse que o poderiam fazer depois de o departamento de medicina forense ter feito o seu relatório, provavelmente no dia seguinte à tarde. E despediu-se.

Os pensamentos de Laura concentravam-se em sinais da pancada no ombro ou no peito — a pancada de Joel — ou mesmo do seu próprio empurrão no peito. Mas não poderia uma marca rosada, em qualquer parte, ter resultado da estranha queda de Gordon pelas escadas abaixo?

O corpo de Gordon foi levado de maca, tapado com um cobertor.

Joel passou os dedos pelo cabelo, tirou os óculos, limpou-os e voltou a pô-los.

— Devia fazer um telefonema. — Telefonou à secretária para dizer que não sabia se ou quando poderia ir ao seu consultório na segunda-feira. Contou-lhe o que se passara e disse que lhe telefonasse para Hatterstown se houvesse alguma emergência.

As irmãs não usaram o telefone e Mary disse qualquer coisa sobre preferir dizer ao seu marido cara a cara. Joel poderia ter esperado até o dia seguinte para telefonar à secretária, pensou Laura, já que, tal como ela e Mary, ele não era esperado em casa senão no domingo à noite, e era apenas sexta-feira. Parecia ser um sinal do seu nervosismo. Claro que estavam todos nervosos, apesar de não falarem nisso. Pela meia-noite, a máquina de lavar já quase acabara a lavagem, Laura lavara os tachos e panelas e Mary já pusera a mesa para o pequeno-almoço (menos um lugar, desta vez), como faziam em muitas noites de fim-de-semana. A cozinha tinha o aspeto do costume, pensou Laura.

— E aquele primo do Gordon? — perguntou Joel, enxugando o último tacho e pendurando-o num gancho por cima da bancada. — O Rupert, de Ohio?

Já não ouço o Gordon falar dele há anos respondeu Mary.

Gordon tivera um irmão, mas já tinha morrido.

— Temos de dar uma vista de olhos aos seus livros de apontamentos... a isso tudo — disse Joel.

— E, claro, o advogado dele... e contador. Como é que se chama... Firbanks?

— Mas amanhã, não acha, Joel? — perguntou Mary.

Um curto silêncio. Amanhã ou um olhar rápido já à grande mesa com pelo menos oito gavetas no quarto de Gordon? Esgotou-se a representação que se desenrolava entre eles; não que estivessem cansados, mas olhar para papéis seria um ato diferente daquele que tinham acabado de completar. Por esta noite, baixa o pano.

Na manhã seguinte, tomaram o pequeno-almoço por volta das nove, como era habitual quando estavam na casa de Hatterstown. Chá para Joel, café para as irmãs, torradas e marmelada. Passariam os olhos pela secretária nessa manhã, disseram.

E fizeram-no. Era uma secretária grande com um tampo forrado a baeta verde, num estilo antiquado, cinco gavetas à esquerda e cinco à direita, uma larga no meio. Papéis do banco, talões de apólices e listas de ações e rendimentos.

— Não faz mal vermos isto, não é? — perguntou Mary.

Depois de um segundo de hesitação, Joel riu.

— Se não nós, então quem? Somos os parentes mais próximos, somos os herdeiros!

Laura também sorria, e por qualquer razão, riu ao ouvir a palavra “herdeiros”. Apercebeu-se de que não tinha qualquer desejo pelo dinheiro do pai, nenhum, nem sequer por qualquer coisa que lhe tivesse pertencido, como botões de punho ou um anel.

Papéis velhos e ainda mais velhos do banco, abundantes extratos de conta da Companhia de Papel Gordian, sem dúvida todos em ordem, já que a empresa dava lucro. Firbanks e Stark, contadores e advogados, lá estavam. Na última gaveta da esquerda, encontraram um espesso envelope de papel-manilha com a palavra Testamento escrita com a caligrafia de Gordon.

Mary, que o encontrou, entregou-o a Joel.

— O prazer é teu. Ou o trabalho.

Joel desenrolou o fio que atava o envelope e retirou de dentro dele um manuscrito datilografado.

— Tem vinte e três páginas — disse, ao começar a passar os olhos por ele. Pousara o testamento no tampo verde da mesa mas estava de pé enquanto lia.

Esta agora disse, depois de ter lido cerca de vinte páginas. — Ficamos com vinte e cinco mil dólares... cada. — Tirou os óculos e virou-se para as irmãs, rindo.

Era, de certo modo, uma surpresa. Mas Laura disse, calmamente e sorrindo:

— Eu não estou interessada.

— Vamos ter todos de nos lembrar da nossa instituição de caridade preferida — disse Mary. Riram novamente.

— E esperem por esta! — Joel ergueu o dedo indicador. Ada recebe dez mil...

— Ótimo! Ela merece, é uma querida! — disse Mary.

E continuou Joel a casa vai para a biblioteca local...

— Estava lendo — “... para alojar um ramo, comum ou subsidiário, da já existente Biblioteca de Hatterstown”, apoiada localmente, e não um ramo da rede pública de bibliotecas.

— Bravo! — exclamou Laura. — Quem haveria de pensar que ele faria qualquer coisa assim tão simpática!

Os outros dois detiveram-se para refletir, e Laura supôs que estavam a pensar, como ela, “Adeus a esta casa, adeus ao relvado e às árvores” — que, afinal, tinham conhecido desde a altura em que eram jovens adolescentes.

— Afinal — disse Laura, finalmente —, a mãe... a nossa mãe morreu aqui, ou matou-se a trabalhar aqui. Francamente, eu penso nisso sempre que cá venho. Não me alegra nada.

— Eu sinto o mesmo — disse Mary, de repente regressada aos seus modos ariscos. Chegou até a fechar a mão direita num punho. — Quem é que quer esta casa, quando ela está tão atolada em... em recordações do Gordon... pelo menos para mim. E não são boas recordações.

— Concordo com você — disse o irmão. — Já tivemos que chegar do testamento?

Concordaram que Firbanks e Stark deviam tratar do resto e que diriam à firma que tinham olhado para os papéis na secretária do pai mas que não tinham tirado nada.

Depois disso, a sua disposição aligeirou-se. Fizeram-se mais alguns telefonemas; Mary falou com o marido, já que mudara de ideias e decidira falar-lhe já sobre a morte do pai. Havia alguns, muito poucos, objetos que tinham pertencido à sua mãe Julia e que os filhos achavam poder guardar, porque eram de reduzido valor: uma pequena caixa de prata para selos, um espelho com uma moldura de filigrana, que certamente não seriam necessários numa biblioteca. Álbuns de fotografias de família, claro. E livros. Havia a Bíblia da família e até, do lado da família de Julia, um robusto volume de capa dura onde estavam escritas as datas de nascimento e morte de algumas gerações. Gordon não doaria certamente aquilo à Biblioteca de Hatterstown. Mas eles pretendiam esperar e perguntar à firma de contabilidade sobre todos os objetos. Sabiam que Gordon tinha um fundo que, provavelmente, era gerido por Firbanks e por Stark.

Os três partiram para Nova York na tarde de domingo, depois de falarem com Ada, apesar de não lhe terem dito nada sobre o seu legado. O departamento de medicina forense não colocara quaisquer questões, mas a seguradora de Gordon — havia uma apólice de seguro contra acidente pela qual a companhia teria de pagar uma avultada soma — visitou Laura, Joel e Mary separadamente em Manhattan na segunda-feira, o mesmo homem, dando-se a bastante trabalho para marcar uma hora com cada um deles.

Na segunda-feira à noite, os irmãos compararam notas. Aparentemente, tinham todos contado exatamente a mesma história: Gordon dera primeiro as boas-noites, subira as escadas enquanto os outros tinham ficado a acabar de beber o café na sala de estar. Depois, tinham ouvido um forte baque no chão de madeira da entrada. Um deles falou em ter ouvido um pequeno grito, como o que uma pessoa pode dar quando está prestes a cair, os outros não falaram disso, mas isso não pareceu incomodar o pessoal da seguradora.

Sem ensaiar, tinham contado todos a mesma história. O dinheiro do seguro seria investido na Companhia de Papel Gordian, de onde saíra o dinheiro do prêmio.

— Quem diria? — disse Joel, referindo-se ao destino do dinheiro da seguradora.

— Sim, mas quem é que quer uma parte dele que seja? respondeu Laura. — Afinal, podemos guardar aquelas belas coisinhas da mãe! — Bateu palmas.

— Tens razão. São mais valiosas — disse Mary com toda a seriedade. — Valem tudo, as coisinhas da mãe.

— E os livros... ou tudo o que nos apetecer levar. — Joel perguntara isso ao falar com Firbanks e com Stark.

A Biblioteca de Hatterstown não fizera qualquer inventário ou reclamara quaisquer livros. E a mobília? A mobília ia com a casa, achavam os filhos. Não estavam apaixonados por qualquer objeto particular, talvez porque os tivessem partilhado com Gordon. O pessoal da biblioteca que se veja livre disso.

O funeral ocorreu na manhã de terça-feira em Long Island. Estavam presentes três ou quatro executivos da companhia de Papel Gordian, que Joel, Mary e Laura tinham visto talvez uma vez antes e quase esquecido, e que, claro, cumprimentaram. E Ada dera-se ao trabalho de vir, o que os três acharam muito simpático da sua parte. Dos habitantes de Hatterstown, apenas tinha vindo o carteiro, que trouxera Ada de carro. Ada disse a Laura:

— Já tinha visto Mr. Sommersby escorregar uma ou duas vezes perto do cimo das escadas... como se a sua perna estivesse a ficar cansada.

Laura acenou, muda. O irmão e irmã tinham ouvido o que Ada dissera.

Para Laura, aquilo só reforçava a história deles de que o pai tropeçara perto do topo das escadas e caíra de costas. E sem dúvida que Ada repetiria o que dissera uma dúzia de vezes aos amigos e vizinhos de Hatterstown.

Nesse dia, durante um almoço num restaurante à beira da estrada, Laura disse a Joel e a Mary:

— Foi bom que ele tenha tido aquele gesto cívico... doar a casa à biblioteca. Temos de pensar no lado mais risonho das coisas.

E foi o que fizeram. Repararam que se sentiram mais felizes a partir desse dia e nas semanas que se lhe seguiram. Nenhum deles voltou a falar aos outros do “acidente nas escadas”. A morte do pai tinha tido a sua importância como uma demarcação, mas a sua queda esbatera-se e tomara uma posição secundária, tornando-se apenas um acidente doméstico que podia ocorrer em qualquer dia da semana na mais pacata das casas. O marido de Mary foi da mesma opinião quando ela lhe contou a história: acidentes como esse acontecem.

Laura nunca foi assaltada pela culpa pelo que ajudara a fazer, e, tanto quanto sabia, nenhum dos outros o foi. Seria porque o silêncio e o comportamento correto de cada um eram importantes para a segurança dos outros? Laura gostava de pensar que assim era: uma conspiração silenciosa, já que eles não tinham decerto muito tempo a falar previamente do assunto. Não se fizeram grandes planos, não, de todo. De alguma forma, tinha sido apenas algo acertado e simples.

Quando o papel de carta de Laura chegou, cerca de um mês após o funeral de Gordon (uma embalagem enviada pela biblioteca), vinha uma conta com ele, já que, aparentemente, Gordon pretendia pagar contra entrega. Laura pagou a conta. Depois de alguns segundos de revolta e raiva, decidiu não deitar fora o bloco de notas, mas sim guardá-lo e usá-lo. Para quê ser mesquinha com coisas mesquinhas?

# Maquinações



O incidente na garagem foi o terceiro acontecimento com ares de catástrofe em casa dos Amory, e provocou um terrível pensamento na cabeça de Loren Amory: a sua querida esposa Olivia tentara matar-se.

Loren tinha puxado por uma corda de plástico que estava pendurada numa estante alta da garagem — a sua intenção era limpar e arrumar um pouco aquilo, enrolar a corda como deveria ser —, e aquele primeiro puxão provocou uma avalanche de malas, uma velha máquina de cortar relva, e uma máquina de coser que pesava só Deus sabia quanto, tudo aquilo se tinha estatelado no chão exatamente no lugar onde ele tinha estado antes de dar um surpreendido salto para o lado.

Loren regressou lentamente a casa, com o coração a bater com força perante o seu terrível achado. Entrou na cozinha e dirigiu-se escadas a cima.

Olivia estava na cama, apoiada contra umas almofadas, com uma revista no regaço.

— Que foi aquele ruído assustador, querido?

Loren tossiu como que disfarçando e assentou mais firmemente os óculos de armação preta sobre o nariz.

— Um monte de coisas na garagem. Puxei por uma corda que estava pendurada... — Explicou o que tinha acontecido.

Ela pestanejou calmamente, como que dizendo: “Bem, depois? Estas coisas acontecem.”

— Tocaste em alguma coisa dessa estante ultimamente?

— Não, por quê?

— Porque... bem, tudo estava posto de maneira que caísse, querida.

— Estás a culpar-me a mim? — perguntou Olivia com uma vozinha sensual.

— Culpo a tua falta de cuidado, sim. Eu pus aquelas malas aí em cima, e nunca as teria posto de maneira que tivessem caído apenas com um toque. E não pus a máquina de coser em cima de tudo. Não estou a dizer...

— Culpas a minha falta de cuidado — repetiu ela, ultrajada. Loren apressou-se a ajoelhar-se ao lado da esposa.

— Querida, não continuemos a esconder as coisas. A semana passada foi o aspirador para a alcatifa nas escadas da cave. E esse escadote! Ias subir por ele para acabar com aquele ninho de vespas! O que quero dizer, querida, é que desejas que te aconteça alguma coisa, quer tenhas consciência disso ou não. Tens de ser mais cuidadosa, Olivia... Oh, querida, por favor, não chores. Eu só tento ajudar-te. Não te estou a criticar.

— Eu sei, Loren. És uma boa pessoa. Mas a minha vida..., suponho que não vale a pena continuar a vivê-la. Não quero dizer que estou a tentar acabar com ela, mas...

— Ainda continuas a pensar... em Stephen? — Loren odiava o nome, odiava pronunciá-lo.

A esposa apartou as mãos dos olhos avermelhados.

— Fizeste-me prometer que não voltava a pensar nele, por isso não o faço. Juro-te, Loren.

— Muito bem, querida. Esta é a minha menina. — Pegou-lhe as mãos entre as dele. — Que te parece um cruzeiro dentro de uns dias? Talvez em Fevereiro? Myers regressa da costa e pode ocupar o meu lugar por duas semanas. Que preferes, Haiti ou as Bermudas?

Ela pareceu pensar no assunto por uns momentos, mas depois acenou com a cabeça e disse que sabia que ele fazia aquilo apenas por ela, e não porque desejava realmente ir. Loren protestou brevemente, mas depois deixou-a continuar. Se Olivia não aceitava uma ideia imediatamente, nunca a aceitaria. Tinha sido um triunfo convencê-la de que tinha sentido não voltar a ver Stephen Castle durante um período de três meses.

Olivia tinha conhecido Stephen Castle numa festa dada por um dos colegas de Loren na Bolsa. Stephen tinha 35 anos, o que o fazia dez anos mais jovem do que Loren e um mais velho que Olivia, e era ator. Loren não podia imaginar como Toohey, seu anfitrião daquele serão, o tinha conhecido, ou por que razão o tinha convidado para uma festa na qual todos os outros homens pertenciam à Banca ou à Bolsa, mas estava ali, como um estranho espírito maligno, e tinha-se concentrado em Olivia durante toda a festa, e ela tinha respondido com os mesmos sorrisos encantadores que tinham conquistado Loren apenas numa tarde, oito anos antes.

Depois, no caminho de regresso a Old Greenwich, Olivia tinha dito:

— É tão divertido falar com alguém que não está na Bolsa, para variar! Disse que está ensaiando uma peça nova, O Hóspede Frequente. Temos de ir vê-la, Loren.

Foram vê-la. Stephen Castle aparecia talvez durante cinco minutos no primeiro ato. Foram cumprimentá-lo aos bastidores, e Olivia convidou-o para um cocktail que ia dar no fim-de-semana seguinte. Ele foi, e passou aquela noite no quarto de hóspedes. Durante as semanas seguintes Olivia foi de carro a Nova York pelo menos duas vezes por semana, oficialmente de compras, mas não guardou segredo do fato de se encontrar com Stephen para almoçar e às vezes para tomar uns cocktails. Acabou por dizer a Loren que estava apaixonada por Stephen e que desejava o divórcio.

No início Loren não sabia o que fazer, depois aceitou pelo bem da relação, na desportiva; mas 48 horas depois do anúncio de Olivia esta recuperou o que considerou o bom senso. Tinha enfrentado o rival, não apenas fisicamente (Loren neste aspeto não tinha muitos atributos, visto não ser mais alto que Olivia, a linha do cabelo estava-se a afastar-se da testa cada vez mais e começava a cultivar uma pequena barriga), mas também moral e financeiramente. Nestas duas últimas categorias tinha toda a vantagem sobre Stephen Castle, e com toda a modéstia fê-lo notar a Olivia.

— Eu nunca me casaria com um homem apenas por dinheiro — respondeu ela.

— Não quis dizer que se casou comigo por dinheiro, querida. Simplesmente eu tinha dinheiro. Mas, o que terá um dia Stephen Castle? Não muito, pelo que posso deduzir da sua forma de agir. Está acostumada a muito mais do que ele pode oferecer. E só há três semanas que o conhece. Como pode estar certa de que o amor dele vai durar?

Aquele último pensamento fez Olivia reconsiderar. Disse que veria Stephen apenas mais uma vez, “para falar do assunto”. Foi a Nova York uma manhã e não regressou até a meia-noite. Era domingo, quando Stephen não tinha atuação. Loren aguardou impacientemente o seu regresso. Entre lágrimas, Olivia disse-lhe que ela e Stephen tinham chegado a um acordo. Não se veriam durante um mês, e se depois deste tempo não continuavam a sentir o mesmo um em relação ao outro aceitariam esquecer todo o assunto.

— Mas claro que sentirá o mesmo — disse Loren. — O que é um mês na vida de um adulto? Se tentasse durante três meses...

Ela olhou-o entre lágrimas.

— Três meses?

— Em relação aos oito anos de casamento? Acaso parece injusto? A nossa relação merece pelo menos uma oportunidade de três meses, não acha?



— Está bem, é um acordo. Três meses. Amanhã ligo para Stephen e digo-lhe. Não nos voltaremos a ver durante três meses.

Desde aquele dia Olivia iniciou o seu declive. Perdeu o interesse pelos trabalhos de jardinagem, pelo clube de Bridge, inclusivamente pela roupa. O apetite desapareceu completamente, apesar de não perder muito peso, talvez porque se mantinha proporcionalmente inativa. Nunca tinham tido criados. Olivia orgulhava-se de ser uma mulher trabalhadora, uma vendedora no departamento de ofertas de uns grandes armazéns de Manhattan, quando conheceu Loren. Gostava de dizer que sabia fazer as coisas por ela mesma. A mansão em Old Greenwich era suficiente para manter uma mulher ocupada, apesar de Loren ter instalado todos os luxos concebidos para lhe poupar trabalho. Também tinham um congelador do tamanho de uma despensa na cave, pelo que tinham de ir ao mercado muito menos vezes do que seria habitual, e além disso todas as compras lhes eram levadas a casa. Agora que Olivia parecia estar com as energias em baixa, Loren sugeriu contratar uma empregada, mas Olivia não aceitou.

Passaram sete semanas, e Olivia manteve a palavra de não ver Stephen. Mas estava de tal modo deprimida, pronta a rebentar em lágrimas, que Loren vivia constantemente à beira de ceder e dizer-lhe que, se amava tanto Stephen, tinha todo o direito de o ver. Talvez, pensava Loren, Stephen Castle sentisse o mesmo, e estivesse também a contar as semanas que faltavam para poder voltar a ver Olivia. Se assim era, Loren tinha perdido.

Mas era-lhe muito difícil conceder a Stephen o crédito de sentir alguma coisa. Era um homem alto e magro, bastante estúpido, com o cabelo cor de aveia, e Loren nunca o tinha visto sem um sorriso nauseabundo na boca, como se fosse um homem anúncio de si mesmo, e que mostrava constantemente o que sem dúvida pensava ser a sua expressão mais sedutora.

Loren, solteiro até que aos 37 anos casou com Olivia, suspirava amiúde desanimado perante a forma de atuar das mulheres. Por exemplo, Olivia: se ele tivesse tido uns sentimentos tão fortes por outra mulher, não teria duvidado nem um minuto em livrar-se deste casamento. Mas Olivia duvidava. Que esperava conseguir com isso?, perguntava-se Loren. Pensava, ou— esperava, que o seu obsessivo amor por Stephen poderia desaparecer? Ou desejava demonstrar ao marido que não o faria? Ou sabia conscientemente que o seu amor por Stephen não era mais que fantasia, e que a sua atual depressão significava para ela e para Loren um período de ajuste, de pranto por um amor que não tinha tido a força suficiente para se concretizar?

Mas o incidente de sábado, na garagem, fez com que Loren duvidasse que Olivia estava emergida numa fantasia. Não queria admitir que Olivia queria acabar com a própria vida, mas a lógica levava-o a admitir isso. Tinha lido alguma coisa acerca desse tipo de pessoas. Eram diferentes das que tinham tendência para os acidentes, que podiam viver para sofrer uma morte natural, fosse qual fosse. As outras tinham tendência para o suicídio, e estava certo de que Olivia se encaixava nesta categoria.

Um exemplo perfeito era o episódio do escadote. Olivia estava no quarto ou quinto degrau quando Loren se apercebeu da rachadura do lado esquerdo do escadote, e ela mostrou-se completamente despreocupada, inclusivamente quando ele lhe chamou a atenção para isso. Se ela não tivesse dito que se sentia um pouco tonta ao ver o ninho de vespas, ele nunca teria feito esse trabalho e, desse modo, nunca teria visto a rachadura na escada.

Loren viu no jornal que a peça na qual atuava Stephen terminava, e pareceu-lhe que o abatimento de Olivia se tornava cada vez mais profundo. Agora tinha círculos escuros à volta dos olhos. Dizia que não podia dormir antes de amanhecer.

— Telefone se quiser, querida — disse finalmente Loren. — Vai vê-lo de novo e descubra se os dois...

— Não, fiz uma promessa. Três meses, Loren. Manterei minha palavra — respondeu ela com os lábios a tremer.

Loren afastou-se, destroçado e odiando-se a ele mesmo.

Olivia debilitava-se fisicamente cada vez mais. Uma vez tropeçou ao descer as escadas e apenas pôde segurar-se ao corrimão. Loren sugeriu, não pela primeira vez, que fosse consultar o médico, mas ela negou-se.

— Os três meses estão quase a terminar, querido. Sobreviverei — disse com um sorriso triste.

Era verdade. Só faltavam duas semanas para o dia 15 de março, a data limite dos três meses. “Os ventos de Março”, apercebeu-se Loren pela primeira vez. Curiosa coincidência.

No domingo de tarde Loren estava a rever alguns documentos do escritório, no seu estúdio, quando ouviu um grito estridente, seguido de um estrondo. De repente estava de pé e a correr. Esse grito vem da cave, pensou, e se era assim, sabia o que tinha acontecido. De novo aquele maldito aspirador para a alcatifa!

— Olivia?

Ouviu um gemido vindo da cave, às escuras. Desceu rapidamente os degraus. Houve um pequeno ruído de rodas, os pés escorregaram-lhe entre este ruído, e poucos segundos antes que a cabeça se lhe estatelasse contra o chão tinha entendido tudo: Olivia não tinha caído pelas escadas da cave, apenas o tinha atraído a ele a este lugar; durante todo aquele tempo tinha tentado matá-lo a ele, Loren Amory..., e tudo por Stephen Castle.

— Estava lá em cima, na cama, a ler — disse Olivia à polícia, segurando com a mão trémula o roupão à volta do seu corpo trémulo. — Ouvi um terrível estrondo e então... desci... — Fez um gesto de impotência em direção ao inerte corpo de Loren.

A polícia aceitou as suas palavras e compadeceu-se por ela. A gente tem de ser mais cuidadosa, disseram, com coisas como os aspiradores para a alcatifa e as escadas escuras. Todos os dias sucediam fatalidades destas nos Estados Unidos. Em seguida retiraram o cadáver, e na terça Loren Amory foi sepultado.

Olivia telefonou a Stephen na quarta. Tinha-lhe telefonado todos os dias, exceto sábados e domingos, mas não o tinha feito desde a quinta-feira passada. Tinham acordado que o dia da semana que ela não lhe telefonasse para o apartamento às onze da manhã era o sinal de que tinha cumprido a missão. Além disso, Loren Amory tinha ocupado um espaço considerável na página de necrologia de segunda-feira. Deixava quase um milhão de dólares à viúva, e casas na Florida, Conneticut e Maine.

— Querida! Pareces tão cansada! — foram as primeiras palavras de Stephen quando se reuniram num discreto bar de Nova York na quarta-feira.

— Nada importante! É tudo maquilhagem — disse alegremente Olivia. — E tu és ator! — Começou a rir. — Tinha de ter um aspeto adequadamente triste perante os meus vizinhos, sabes? E nunca podes ter a certeza de quando tropeças com alguém conhecido em Nova York.

Stephen olhou nervoso à sua volta, depois disse com o sorriso habitual:

— Querida Olivia, quando podemos estar juntos?

— Muito brevemente — disse ela sem pensar. — Não em casa, obviamente, mas, lembra de termos falado num cruzeiro? Talvez Trindade? Tenho o dinheiro comigo. Quero que compres as passagens.

Alugaram camarotes separados, e o jornal local de Conneticut, sem a menor perspicácia, informou que a viagem da Sra. Amory era por motivos de saúde.

De volta aos Estados Unidos em Abril, bronzeada pelo sol e com um aspeto muito melhorado, Olivia confessou aos amigos que tinha conhecido alguém “por quem estava interessada”. Os amigos disseram-lhe que era normal e que não devia estar só para o resto da vida. O mais curioso foi que quando Olivia convidou Stephen para um jantar em casa, nenhum dos amigos o reconheceu, apesar de alguns deles o terem conhecido naquele cocktail uns meses antes. Stephen estava agora muito mais seguro de si mesmo, e comportava-se como um anjo, pensava Olivia.

Casaram-se em Agosto. Stephen tinha-se apresentado para alguns papéis, mas ainda nada se tinha concretizado. Olivia disse-lhe para não se preocupar demasiado, apesar de ele protestar e dizer que tinha

de trabalhar, e disse que se fosse necessário tentaria alguma coisa para a televisão. Desenvolveu um claro interesse pela jardinagem, plantou algumas raízes de abetos azuis, e de uma maneira geral fez com que o lugar parecesse vivo de novo.

Olivia ficou maravilhada pelo fato de Stephen gostar da casa, porque ela também gostava. Nenhum dos dois se referia às escadas da cave, mas colocaram um interruptor de luz ao lado do primeiro degrau, para não voltar a acontecer um acidente parecido. O aspirador para a alcatifa foi colocado no seu respectivo lugar, no armário das escovas na cozinha.

Davam festas muito mais frequentemente do que Olivia e Loren o tinham feito. Stephen tinha muitos amigos em Nova York, e Olivia achava-os divertidos. Mas Stephen, pensava Olivia, estava a começar a beber demasiado. Numa das festas, quando todos estavam fora na varanda, Stephen quase caiu do parapeito. Dois dos convidados tiveram de o segurar.

— É melhor que se cuide nesta casa, Steve — disse Parker Barnes, um ator amigo de Stephen. — Pode ser que tenha mau-olhado.

— Que quer dizer? — perguntou Stephen com uma voz um tanto assustada. — Não acredito nessas coisas. Posso ser ator mas não sou supersticioso.

— Oh, claro que o Sr. é ator, Sr. Castle! — disse uma voz de mulher na escuridão.

Depois dos convidados terem ido embora, Stephen pediu a Olivia para voltarem para a varanda.

— Pode ser que o ar me aclare as ideias — disse Stephen com um sorriso. — Lamento ter estado um pouco acelerado esta noite. Aquela é Orion. Consegue vê-la? — apertou Olivia com os braços e puxou-a contra ele. — A constelação mais brilhante de todo o céu.

— Está me machucando, Stephen! Não me aperte tanto... — Depois gritou e debateu-se para lutar pela vida.

— Maldito seja! — murmurou Stephen, surpreso com a força de Olivia.

Ela tinha se soltado e agora estava de pé junto à porta do quarto, olhando-o de frente.

— Ia me empurrar da varanda!

— Não! Meu Deus, Olivia! Perdi o equilíbrio, apenas isso. Pensei que era eu que ia cair!

— É uma boa maneira de fazer; agarrar uma mulher e jogá-la também.

— Não percebi. Estou bêbedo, querida. Peço desculpas.

Permaneceram deitados como de costume na mesma cama naquela noite, mas apenas fingiam dormir. Até que, pelo menos para Olivia, tal como estava acostumada a dizer a Loren, o sono só chegou ao amanhecer.

No dia seguinte, de maneira fingidamente casual, ambos revistaram toda a casa, desde a cave até o sótão, Olivia com a intenção de se proteger de possíveis armadilhas mortais, Stephen com a intenção de as pôr. Ele já tinha decidido que as escadas da cave ofereciam a melhor possibilidade, pese embora a repetição, porque achava que ninguém suspeitaria que se atrevessem a usar o mesmo método..., se a intenção era assassinato.

Acontece que Olivia pensava exatamente da mesma maneira.

As escadas que levavam à cave nunca antes tinham estado tão livres de impedimentos nem tão bem iluminadas. Nenhum deles tomou a iniciativa de apagar a luz durante a noite. Exteriormente cada um fazia juras de amor e fé em relação ao outro.

— Lamento o que disse, Stephen — sussurrou ela no ouvido dele enquanto o abraçava. — Naquela noite na varanda tive medo, foi isso. Quando você disse “maldito seja”...

— Eu sei, querida. Mas não devia ter pensado que pretendia feri-la. Disse “maldito seja” apenas porque estava lá, e pensei que eu podia ter empurrado você sem querer e jogado da varanda.

Falaram de outro cruzeiro. Queriam ir à Europa na próxima Primavera. Mas nas refeições provavam cautelosamente cada coisa antes de começar a comer.

Como poderia eu pôr alguma coisa na comida, pensava Stephen para si mesmo, quando não abandonas nem por um minuto a cozinha quando a estás a preparar?

E Olivia: Considero-te capaz de qualquer coisa. Pareces brilhar apenas numa direção, Stephen.

A humilhação por ter perdido o amante ficava ocultada sob um sombrio pressentimento. Apercebia-se de que tinha sido vitimizada. Os últimos restos de feitiço de Stephen tinham-se desvanecido. Mas agora, pensava Olivia, estava a desempenhar o melhor trabalho de ator da sua vida..., e um trabalho de vinte e quatro horas por dia. Felicitava-se a si mesma pelo fato dele não ter conseguido enganá-la, e pensava num plano atrás de outro, convencida de que este “acidente” tinha de ser muito mais convincente do que o que a tinha livrado de Loren.

Stephen apercebeu-se de que não estava em má posição. Toda a gente que os conhecia a ele e a Olivia, ainda que fosse ligeiramente, pensava que ele a adorava. Supunha-se que um acidente não seria mais que isso, um acidente, se ele o decidisse assim. Agora estava a brincar com a ideia do congelador do tamanho de uma despensa que havia na cave. Não tinha manivela de abertura na parte interior da porta, e de vez em quando Olivia ia até o canto do fundo à procura de bifos ou espargos congelados. Mas ela se atreveria a entrar, agora que as suspeitas tinham voltado a reavivar-se, se ele estivesse no porão ao mesmo tempo? Tinha as suas dúvidas.

Enquanto Olivia tomava o pequeno-almoço na cama uma manhã — tinha-se mudado para o seu próprio quarto, e Stephen trazia-lhe o pequeno-almoço tal como Loren sempre fazia —, Stephen fazia experiências com a porta do congelador. Descobriu que, se batesse contra um objeto sólido ao abrir-se, o impacto fazia com que se voltasse a fechar, lenta mas inexoravelmente. Mas agora não havia nenhum objeto sólido ao pé da porta, pelo contrário, estava previsto que a porta se abrisse completamente de maneira a que a parte exterior se fixasse numa mola de pressão colocada na parede precisamente para esta finalidade, a de manter a porta aberta. Tinha reparado que Olivia, sempre que entrava, abria a porta completamente e encaixava-a automaticamente na parede. Mas se ele pusesse alguma coisa no caminho, mesmo que fosse só a esquina da caixa da lenha, a porta magoá-la-ia e fechar-se-ia de novo, antes que Olivia se apercebesse do que tinha acontecido.

No entanto, esse preciso momento não parecia o mais correto para colocar a caixa da lenha naquela posição, pelo que Stephen não preparou aquela armadilha. Olivia tinha falado em ir a um restaurante aquela noite: hoje não tiraria nada para descongelar.

Deram um pequeno passeio às três da tarde -pelo bosque detrás da casa, mas voltaram cedo —, e quase andavam de mão dada, num desagradável e insultante fingimento mutuo de afeto; mas os dedos apenas se tocaram antes de se separarem.

— Uma xícara de chá saberia muito bem, não te parece, querido? — perguntou Olivia.

— Hummm — sorriu ele. Veneno no chá? Veneno nas bolachas? Tinha-as feito ela mesma nessa manhã.

Lembrava-se de como tinha engendrado o triste desaparecimento de Loren, os ternos sussurros de assassinato dela nas refeições, a sua infinita paciência enquanto passavam as semanas e todos os planos falhavam. Era ele que tinha sugerido o aspirador de alcatifas nas escadas da cave e o estridente grito dela. Que poderia planear a cabecinha de pássaro dela?

Pouco depois do chá — tudo tinha sido muito agradável —, Stephen saiu da sala de estar como se não tivesse nenhuma intenção em particular. Sentia um impulso de experimentar a caixa da lenha e ver se realmente poderia confiar nisso. Sentia uma vontade imensa de deixar a armadilha montada e ir-se embora. A luz de cima, nas escadas da cave, estava acesa. Desceu cuidadosamente os degraus.

Escutou durante uns momentos para ver se Olivia o estava a seguir. Depois colocou a caixa da lenha em posição, não paralela à parte da frente do congelador, obviamente, mas sim ligeiramente ao lado, como se alguém a tivesse arrastado do escuro para ver melhor o que tinha dentro e a tivesse deixado ali. Abriu a porta do congelador exatamente com a velocidade e a força que utilizaria Olivia,

empurrando-a enquanto atravessava o umbral, com a mão direita esticada a segurar na porta para que esta não se fechasse atrás de si. Mas o pé que lhe suportava o peso ao atravessar escorregou alguns centímetros para a frente exatamente no momento em que a porta batia contra a caixa da lenha.

Stephen caiu sobre o joelho direito, com a perna direita esticada para a frente, e atrás de si a porta acabava de se fechar. Pôs-se de pé imediatamente e viu-se perante a porta fechada, com os olhos muito abertos. Estava escuro, aos apalpões procurou o interruptor auxiliar do lado esquerdo da porta, que acendeu uma luz ao fundo do congelador.

Como tinha acontecido isto? O maldito gelo no chão do congelador! Mas não era apenas gelo, reparou. O que o tinha feito escorregar era um pedaço de sebo que viu agora no meio do chão, ao lado da marca gordurosa que o escorregão que o fez cair tinha deixado.

Stephen contemplou por instantes o sebo, com um olhar neutro e inexpressivo. Depois voltou de novo à porta, empurrou-a, experimentou a junta firme coberta de borracha. Podia chamar por Olivia, claro. Finalmente ela acabaria por ouvi-lo, ou pelo menos sentiria a falta dele, antes de que tivesse tempo de congelar. Desceria à cave, e poderia ouvi-lo mesmo que não o tivesse ouvido desde a sala de estar. Nessa altura abriria a porta, obviamente.

Sorriu debilmente, e tentou convencer-se a si mesmo de que ela abriria a porta.

— Olivia?... Olivia! Estou aqui em baixo, na cave!

Tinha passado quase meia hora quando Olivia chamou por Stephen para lhe perguntar que restaurante preferia, um assunto que teria influencia na roupa que deveria usar para ir jantar fora. Procurou-o no quarto, na biblioteca, na varanda, e finalmente chamou-o desde a porta da frente, pensando que talvez estivesse no jardim.

Por fim, tentou a cave.

Nessa altura, enroscado no casaco de tweed, com os braços cruzados sobre o peito, Stephen percorria o congelador de uma ponta à outra, lançando olhares desesperados a cada trinta segundos, e utilizando o bafo que lhe restava para soprar dentro da camisa numa tentativa de se manter quente. Olivia estava quase a sair da cave quando ouviu chamar pelo seu nome muito debilmente.

— Stephen, Stephen, onde estás?

— No congelador! — gritou ele, tão forte quanto lhe foi possível.

Olivia contemplava a porta do congelador com um sorriso incrédulo.

— Abre, queres? Estou no congelador! — chegou-lhe a voz afogada de Stephen.

Olivia esticou a cabeça para trás e deixou escapar uma gargalhada, sem se preocupar se Stephen podia ouvi-la ou não. Depois, a rir de tal maneira que teve de se dobrar sobre si mesma, subiu as escadas da cave.

O que mais a divertia era que tinha pensado no congelador como um lugar perfeito para se livrar de Stephen, mas não tinha conseguido elaborar uma maneira de fazer com que ele entrasse sozinho. Apercebeu-se de que o fato de ele estar ali dentro sozinho podia dever-se a algum incidente divertido..., talvez tentasse preparar uma armadilha para ela. Tudo aquilo era demasiado cômico. E... que sorte!

Ou talvez, pensou cautelosamente, a intenção dele, inclusivamente agora, fosse atraí-la para que ela abrisse a porta do congelador, e então metê-la dentro imediatamente e fechar a porta atrás dela. Claro, não iria deixar que isso acontecesse!

Pegou no carro e conduziu até uns trinta quilômetros para norte, comeu uma sandes e tomou um café num bar ao pé da estrada, depois foi ao cinema. Quando regressou a casa à meia-noite descobriu que não tinha vontade de visitar “Stephen” no congelador, nem sequer de descer à cave. Não tinha a certeza de que já estivesse morto, e apesar de permanecer em silêncio isso podia significar apenas que fingia estar morto e inconsciente.

Mas amanhã, pensou, amanhã não teria dúvida que estava morto. No pior dos casos, a falta de ar já teria acabado com ele nessa altura.

Foi-se deitar e tomou um sedativo para se certificar de que teria uma noite de sono descansada. O dia seguinte seria esgotante. A história da pequena discussão com Stephen

— acerca do restaurante a que iriam, simplesmente isso — e a saída dele, irritado, para dar um passeio, tinha pensado, teriam de ser muito convincentes.

Às dez da manhã, depois de um sumo de laranja e um café, Olivia sentiu-se preparada para o papel da viúva horrorizada e possuída pela dor. Depois de tudo, disse para si mesma, já tinha desempenhado esse papel..., seria a segunda vez que o interpretava. Decidiu enfrentar a polícia de roupão, como na ocasião anterior.

Para ser completamente natural perante todo o acontecimento, desceu à cave para fazer a “descoberta” antes de chamar a polícia.

— Stephen? — chamou, com confiança. — Stephen? — Nenhuma resposta.

Abriu o congelador apreensiva, conteve a respiração perante a enroscada figura coberta de gelo no chão, depois avançou os poucos passos que a separavam dele..., consciente de que as marcas dos pés no chão seriam visíveis para comprovar a história de que tinha tentado reanimar Stephen.

Pum, fez a porta atrás dela..., como se alguém de pé do lado de fora a tivesse empurrado com força.

Olivia ficou assombrada e de boca aberta, atônita. Tinha aberto a porta de par em par. Devia tê-la enganchado na mola da parede.

— Olá! Há alguém aí fora? Abram a porta, por favor! Já!

Mas sabia que não havia ninguém ali fora. Apenas um maldito acidente. Talvez um acidente preparado por Stephen.

Olhou para a cara do homem. Os olhos estavam abertos, e nos lábios brancos aquele pequeno sorriso tão familiar, agora triunfante e absolutamente malicioso. Olivia não voltou a olhar para ele. Apertou o ténue roupão o mais que pode e começou a gritar:

— Socorro! Alguém! Polícia!

Continuou a gritar pelo que lhe pareceram horas, até que começou a ficar rouca, até que começou a deixar de sentir frio, apenas um pouco de sono.

## Nota Biobibliográfica



PATRICIA HIGHSMITH nasceu em 19 de Janeiro de 1921 em Fort Worth, Texas. Os pais se separaram antes de seu nascimento e Patrícia só viria a conhecer o pai aos 12 anos. Aos seis anos, foi com a mãe e o padrasto para Nova York. Mary Patricia Plangman (seu nome verdadeiro) adotou o apelido Highsmith do seu padrasto. Frequentou a Julia Richmond High School em Nova York e o Barnard College em Columbia, onde estudou Inglês, Latim e Grego. Estreou-se com *Strangers on a Train*, que Alfred Hitchcock adaptaria ao cinema. *The Talented Mr. Ripley* foi o primeiro de uma série de romances protagonizados por Ripley, sofisticado colecionador de arte e criminoso que não conhece remorsos ou sentimentos de culpa. O romance foi levado ao cinema por René Clément em 1960 e por Anthony Minguella em 1999. Seguiu-se *Ripley's Game*, de que também existe uma versão cinematográfica de Wim Wenders (*O Amigo Americano*). Em 1957 recebeu o Grand Prix de la Littérature Policière e a British Crime Writers' Association distinguiu-a com a Silver Dagger. Em 1963 mudou-se para a Europa, onde viveu primeiro na Itália, depois na Inglaterra, na França e, por fim, na Suíça onde viria a morrer a 4 de fevereiro de 1995.

Romances: *Strangers on a Train*, 1950; *The Price of Salt*, 1952, com o pseudônimo Claire Morgan, publicado em 1991 com o título *Carol*; *The Blunderer*, 1954; *The Talented Mr. Ripley*, 1955; *Deep Water*, 1957; *This Sweet Sickness*; *The Cry of the Owl*, 1962; *The Two Faces of January*, 1964; *The Glass Cell*, 1964; *Those Who Walk Away*, 1967; *The Tremor of Forgery*, 1969; *Ripley under Ground*, 1970; *A Dog's Ransom*, 1972; *Ripley's Game*, 1974; *Edith's Diary*, 1977; *The Boy Who Followed Ripley*, 1980; *The Black House*, 1981; *The People Who Knock on the Door*, 1983; *Found in the Street*, 1986; *Ripley Under Water*, 1991; *Small G: A Summer Idyll*, 1995. “

Contos: *The Story-Teller* (título no Reino Unido: *A Suspension of Mercy*, 1965; *The Snail Watchers* (título no Reino Unido: *Eleven*, 1970; *Little Tales of Misogyny*, contos, 1977; *Slowly, Slowly in the Wind*, 1979; *Mermaids on the Golf Course and Other Stories*, 1985; *Tales of Natural and Unnatural Catastrophes*, 1987.

Ensaio: *Plotting and Writing Suspense Fiction*, 1966.

C